

a noiva judia

Pedro Paixão

Impressão Digital
Livros que deixam marcas

A NOIVA JUDIA

Pedro Paixão

Publicado por:
Pedro Paixão na Smashwords

A Noiva Judia
Copyright 2012 por Pedro Paixão

Este livro está licenciado apenas para o seu uso pessoal. Este livro não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional individual.

Se está a ler este livro e não o comprou, ou não foi comprado para o seu uso pessoal, então por favor vá a Smashwords.com e compre a sua própria cópia.

Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor.

ÍNDICE

[A minha vida](#)

[Alexandra Maria](#)

[Histórias](#)

[Erro](#)

[Casa da Praia](#)

[Ad Lib](#)

[Toronto](#)

[Passeio](#)

[Jerusalém](#)

[Dedicatória](#)

[De perfil](#)

[Encontro para almoçar](#)

[Carta ao José](#)

[Casa](#)

["Fica querida com um beijo que não passe](#)

[Lágrimas](#)

[Quarto de Agosto](#)

[Ficção](#)

[Agora sou eu a falar](#)

[Paula](#)

[O menino](#)

[Ele](#)

[Paulo](#)

[Menina do circo](#)

[Um amigo](#)

[A noiva judia](#)

*À Senhora Maria Holstein Campilho
Ao Senhor João Miguel Fernandes Jorge*

A minha vida

Quase gosto da vida que tenho. Não foi fácil habituar-me a mim. Tive de me desfazer das coisas mais preciosas, entre elas de ti. Sim, meu amor, tive de escolher um caminho mais fácil. O dinheiro também tem a sua poesia. E tenho tido sorte.

Deixei para trás a obrigação de mudar o mundo. Corrompi e fui corrompido. Ainda sinto dificuldades em mentir, mas também aqui vejo melhoras. Trata-se só de deformar ligeiramente o que vai acontecendo, não de inventar tudo de novo. Tenho mais alguns anos diante de mim e depois quero acabar de repente. Não sei se valeu a pena mas também não me pergunto se valeu a pena. Há coisas assim.

Não é desistir, é só não dar demasiada importância a coisas que não a têm. Esta vida é uma delas. Ganha em valor quando deixamos de a encarar como o centro de tudo. É só por acaso que gostamos das flores e do mar. Claro que é um bom acaso. Mas mais do que isso não.

Quase gosto da vida que tenho. Quando a quis toda não gostava de mim. Agora há dias em que aceito que o tempo passe por mim e me leve para onde só ele sabe. Não entendo como nunca houve uma religião que adorasse o tempo. Será possível imaginar algo de mais elementar e poderoso? Que com ele não se possa falar não me parece um defeito. Há coisas das quais, de qualquer modo, não se pode falar.

Vivo sozinho. Passam pessoas, mas nunca ficam por muito tempo. A partir de certa altura intrometem-se tédios por entre as frases e não sabemos continuar. Não insisto. Há muitas pessoas. Não vale ter medo. Há muito que o amor mostrou ser um fracasso. No dia seguinte, no escritório, esperam-me problemas por resolver e decisões que valem dinheiro. Não posso sofrer.

Claro que por vezes me sinto triste como toda a gente. Mas é uma tristeza doce, um descanso. E como não espero nada, não faço nada. De uma maneira ou de outra também esta noite acabarei por adormecer.

Tenho um filho que cresce longe de mim e que ainda não sabe quem sou. Quis que fosse assim e não me arrependo. Não me julgo bom exemplo. Tenho um seguro de vida por morte violenta em seu favor que me poupa uma inquietação e lhe lega uma fortuna. Do resto não sou responsável. A biologia é uma ciência quase exacta e a natureza tem a inteligência das pedras.

Estudei durante muitos anos sem qualquer interesse prático. Os livros pareciam-me mais interessantes do que qualquer viagem. Escolhidos ao acaso. Mas o que se fica a saber não nos torna mais lúcidos. Agora quase preferia não os ter lido. O saber transforma as coisas em nada, ou, pelo menos, arruma-as numa gaveta escura e triste da memória que é sempre uma deusa nostálgica.

Durante algum tempo tentei distrair-me.

Cometi crimes contra a moral. Abusei do meu corpo sem qualquer respeito. Não fui feliz nem fiquei satisfeito. As mulheres de quem gostei não queriam de mim o que eu queria delas e há mal-entendidos que não convém alimentar. Foi assim que fiquei sozinho. A sério que tentei. Talvez da maneira errada. Agora, mesmo que quisesse recomeçar não tinha tempo. O tempo não mostra qualquer compaixão. E houve alegrias que bastassem. É justo assim.

Quase gosto da vida que tenho. Sou conhecido nalguns restaurantes, o que não significa que me sirvam melhor, mas é sempre bom ser reconhecido. Raramente saio à noite, mas quando o faço acabo sempre por encontrar alguém que ainda se lembra de mim e quando volto a casa tenho comprimidos que fazem dormir. Por vezes durmo com uma rapariga e faço o que se deve fazer e o prazer vem e passa como um alívio. Não espero encontrar ninguém, a minha melancolia é-me suficientemente querida. Nem tenho saudades de pessoas, só de sítios e de coisas. Em particular há um frigorífico que

guardo zelosamente na memória. Ainda subsiste algures porque a matéria é a única coisa que resiste.

De que gosto? De literatura, whisky irlandês e de adormecer logo. O trabalho é um rentável entretém que me ocupa as horas mortas. Vejo os filmes em casa, de todas as séries. Incomodam-me os barulhos das pessoas sentadas ao meu lado e gosto de rever as cenas mais macabras. Por isso vivo sozinho. Quando preciso, conheço um massagista que é negro e silencioso como a noite. E de inverno nado. A minha mulher a dias vem todos os dias quer esteja ou não constipado. Se fosse mais bonita e menos surda casava com ela sem qualquer preconceito. Já julguei ser um génio. Agora acho-me um mero mortal desencontrado. Vivo, é já o bastante. Não vou a nenhum lado, mas isso já tu sabias.

Sim, meu amor, é esta a vida que levo. E raramente penso em ti como agora. Não te arrependas de nada. Por hoje já bebi o bastante. À tua saúde.

Alexandra Maria

Nos envelopes das cartas escrevia “Urgente” com tinta encarnada, como se os Correios pudessem ter em consideração a nossa urgência. Urgência de quê? Urgência do amor?

Tudo isto foi há muito tempo. Antes de mudar uma última vez de casa, pus tudo o que enchia uma gaveta pequena dentro de um saco de plástico. As cartas dela, misturadas com outras, junto com uma carta de condução estrangeira — uma mera coincidência —, dois ganchos de cabelo, uma caixa de bolinhas de cera para pôr nos ouvidos e uma pequena colecção de postais do Museu do Prado, estavam dentro desse saco que agora, com o coração pesado, resolvo abrir correndo o perigo de encalhar, sufocado, num tempo adormecido.

De nada vale pôr as cartas por ordem cronológica, esse trabalho seria próprio de um investigador, não de um naufrago. Mas o que interessa não é o meu estado de alma actual, ao qual aludo sem querer, mas essas cartas, escritas em línguas diferentes, à mão e à máquina, em envelopes de muitas cores em que o meu nome é sempre outro.

Sei que lhes respondi, com o pouco atraso que o meu grande ócio de então me permitia, mas é-me impossível recordar como e com quê lhes respondi. Agora que as leio uma última vez apercebo-me, com grande nitidez, que de qualquer modo não seria possível responder-lhes, não porque nunca haja perguntas a pedir resposta, mas porque nelas sou só um motivo ou um pretexto ou uma desculpa, e que as escreveu para si, como se escrevem páginas de um diário ou se tomam notas em folhas soltas de um bloco de apontamentos. Esta é uma forma de justiça que, com alívio, descubro embora tarde demais. Porque a amei e isso é sempre injusto.

Disso que agora me chega com murmúrios de um outro mundo, nem melhor nem pior, extraio as poucas passagens que se seguem.

“Dormimos no lugar exacto onde os nossos pais dormiram.

O teu corpo é-me cada vez mais presente, vai apagando os outros corpos. Cada vez mais comum e mais único ao mesmo tempo, esvaziando-me de outros desejos. Cada vez mais parte própria do meu próprio corpo.

Logo que as nossas peles se abandonaram ao contacto, e as nossas carnes se deixaram moldar, percebi que entrávamos no segredo que funde dois num só. Como se nos tivéssemos encontrado logo na meta, um só corpo de duas almas .

Chamei-te “cosy”. Tu riste. Achaste que te confundia com um sofá. Não. Era a descida ao misterioso senhor das cadências, que nos somou num só número.”

“Não sou mais do que um fundo poço.

Sou extremista em individualismo, em determinação, em teimosia e em solidão. Em egoísmo, em ambição, em amor-próprio. Desafio-me com facilidade para lutas cegas, exijo metas distantes, invejo todo o saber, autorizo-me a qualquer tipo de iniciação. Tudo me urge. Não posso apreciar o chamado “ócio”. Os planaltos são-me insuportáveis. Prefiro as quedas repentinas. É aqui que entras tu, meu amor.”

“Se eu própria me bastasse fugiria para sempre. Do teu corpo, das mãos quentes.

Mas sou frágil como um grão de neve. Derreto-me com leves sussurros e a ternura estonteia-me. Sofro de constante abstinência de amor.”

“Sei que vou dormir sem companhia e isso entristece-me. Parece-me vazio lavar os dentes, pôr um pijama uma total inutilidade.

Antes de adormecer peço que Deus não exista para não poder ser tomado como responsável por todas estas atrocidades.”

“Já não sei que ideia ou ideias me chegaram e quis que ficassem para te as poder contar, porque não ficaram.

Desde há uns dias que tenho uma leve impressão nos lábios que me intriga e não me larga. Talvez não seja capaz de a descrever por ser tão estranha e tão leve. É como um véu seco e macio. Nem uma gota de saliva, nem toda a língua molhada e nem mesmo os cremes, batons e pomadas, conseguem enganar essa sensação de secura que os cobre como um véu, de um modo mais pronunciado o superior. Ao espelho não se nota nada. Ultimamente não o tenho beijado, ritual frequente dos meus lábios, mas tenho-os olhado com toda a atenção à procura do tal véu e com grande admiração por não o encontrar. Tão pouco os meus dedos são capazes de palpá-lo. Ao aproximarem-se, à procura de um toque macio, encontram, zangados, uma rugosidade, vincos e um suor de verão. É o véu seco e macio, sobrevivendo a todos os sentidos, mantém-se todo o dia e toda a noite, ora intrigando-me ora fazendo-me sentir apaixonada, lembrando-me de ti. Sem que saiba porquê.”

“Estas foram as cansativas aventuras da manhã. Seguiu-se uma breve discussão sem importância de maior e quando me preparava para descansar toca o telefone e é você a dizer que afinal não pode vir. Que não sabe. Não sabe? Eu também não sei. Vou ao cinema. Os actores devem saber alguma coisa de interessante. E depois vou comprar folhas novas, encher o frigorífico e despedir-me de novo do mundo. Sabe do que eu sempre gostei? De ecos e ilusões. Durma bem.”

“Eu vou às aulas de anatomia às oito da manhã por ti. Compro um disco por ti. Rio-me com os outros por ti. Leio um livro por ti. Se não fosse por ti teria de ser por outro. Por mim só não.

Um dia pensei que não serias capaz de me amar, e mesmo que chegasses a amar-me não seria suficiente ao lado do que já fui amada. É verdade, sabes? Já fui tão querida que me sinto horrivelmente injusta, louca, feroz por ter renunciado a esse amor. Tens a certeza de que não serias mais feliz se eu não existisse? Mas a felicidade é tão improdutiva, não achas querido?”

“Sobre o que é que gostarias que eu te escrevesse? Sobre o que é que eu gostaria de te escrever? Sobre o que é que eu te posso, ou deveria, escrever? Sobre sexo?”

Sim, eu penso muito nisso. A meio das manhãs, mesmo fazendo esforço para afastar esses pensamentos, essas imagens, essas impressões que queimam, perturbando a atenção, elas tomam conta de mim, do meu corpo e da minha alma, durante longos momentos. Ide, ide-vos embora! Até que me dou conta de que há uma pessoa diante de mim que me olha insistentemente, pensando se eu quero falar ou... Não, não. Estava só nas nuvens. Ele é insípido e não pára de sorrir como um estúpido. Afasto os olhos e prometo a mim própria ter mais cuidado com os meus segredos. Olho para o relógio e conto as horas até poder chegar a casa e meter-me na cama com o teu pijama, e sentir-me contigo.

Se contássemos todos os segundos reservados para pensamentos e actos perversos, não esquecendo os sonhos, ao todo que percentagem fariam de um dia de 24 horas? 50%?, 35%? Depende. Por exemplo, de se ter ou não uma “coisa” que encarne o desejo. Suponhamos que essa “coisa” é você — isso é o que me dá mais prazer. Se você for só uma imagem, tenho de a fazer mexer, falar, suspirar e assim por diante. Se quiser que você me toque, é necessário um esforço maior, preciso de me concentrar mais, mas é claro que oferece mais possibilidades. Também o posso colocar noutros corpos. Isso é ainda mais difícil. Eles não cheiram como você. Se abro os olhos sorriem grosseiramente, e, apesar de estarem ali, a realidade deles assusta-me por não me pertencer. Se fecho os olhos e me mudo para um outro lugar onde você está, então tenho as suas mãos para me acariciar com as minhas mãos e o prazer fica agora muito perto do desejo. Para isso preciso de estar muito longe. Quero-o sempre sem óculos. A sério. Há uma espécie de loucura no seu olhar. Sim, loucura. Este é o sexo. Estes são os dias. É preciso

concentração. Não é fácil. Quando está calor. Quando está frio. Sobretudo a meio das manhãs.”

“Rosita, luz da minha vida, fogo das minhas entranhas. Pecado meu. Alma minha. Que fazes tu tão longe de mim? Se não vieres este fim-de-semana...”

“Às vezes ‘você’ está longe durante anos e anos, afastado por mares e oceanos. ‘Você’ é só o espírito de você. Uma breve nota numa melodia. Sem imagem, mas brilhando. Qualquer coisa que se transforma num doce suspiro. Como o barulho de folhas ou o rebentar das ondas, ‘você’ vem a mim, num murmúrio só escutado pela alma.

Isto só acontece nos melhores momentos, quando o espírito não tem corpo, fugido num secreto reinado.

‘Você’ é a minha imaginação. Algures, num momento qualquer. Em alguém com alguns desejos e algumas vontades, mas que não é ‘você’. Você é um espírito, com uma alma secreta. Você é o que eu não sou. Só isso. O que não é triste, nem assustador, mas simplesmente um pouco estranho.”

“Se estivesse aqui, agora mesmo, seguramente estaria a violar os botões da tua roupa com os meus dedos ansiosos para tocar o teu corpo, aquecê-los na tua pele e misturá-los com o teu cheiro. Não estás, mas estou a sempre por detrás da língua. Os teus olhos são capazes por si só de violar qualquer mulher, de penetrá-la até ao rubor, de tão lascivos que se tornam.

Basta segurares-me pelas ancas para começar o incêndio. Sinto-me perder o equilíbrio, tão cheia de tonturas fico, com as tuas ameaças doces e obscenas. O quê? diz isso outra vez...”

“A única coisa em que somos mesmo parecidos é que eu afinal também gosto muito de si. Um campeão de wind-surf é bem mais vulgar do que você.”

“Diverti-me imenso esta tarde com Freud. Vê só esta frase sobre as relações objectais(?) da criança, neste caso a atravessar o período sádico-anal: ‘... o objecto da primeira actividade sádico-anal são as próprias fezes e a sua expulsão compreende-se como um acto sádico. Mais tarde as pessoas são tratadas como o foram as fezes...’ Céus, como cheira a humanidade!

Também tenho lido mais coisas de Kant, seguindo os seus conselhos, mas igualmente vazias.”

“Receita para ti:

Primeiro: não pensar mais rápido do que as avestruzes à procura de sombra.

Segundo: o tempo é maior do que tu e se assim for aceite podes usá-lo como os marinheiros ao pisar a doca.

Terceiro: os espaços de tempo são só teus num reino muito próprio.

Quarto: ordeno-te que te lembres de que és o grande ditador do teu tempo.»

“És como te quero. O único ser íntimo que conheço sou eu mesma. Às vezes torno-me íntima de alguém. Faço-o pouco e gosto muito. Relaxa-me. Gostaria de o fazer contigo. Se bem que seja perigoso: o perigo da anulação. Eu tenho um verdadeiro pavor desse perigo. Se não produzo o que me satisfaça suficientemente, os meus desejos tornam-se terríveis. Vem depressa, meu amor. Fica ao meu lado, ou próximo.”

“Parece que alguma coisa me obrigou a partir o mundo em dois. Deste lado os bordos são ásperos. Do outro quase transparentes. É a primeira vez que chego sem abraços e sem razão para chegar. Não há instantes: tudo é um tempo de horas sem números. Não preciso de tanto só para mim.

Porque tenho eu de partir o mundo em dois? Claro que o posso fazer. Devo mesmo acreditar que é esse o tratamento eficaz para as manhãs tristes. De outra maneira os dias não são meus. Nem teus. Perdem-se em ouvidos surdos.

Vá, mas depois venha logo ter comigo porque o tempo já não é nosso.

Hoje à noite dormirei só com o meu destino — dói mais do que masturbar-se no cinema.”

“A tristeza de não nos acompanharmos em momentos tão difíceis como estas semanas que nos propomos atravessar é tão grande como o carinho que ganhei por ti.

Vai até àquela nuvem muito alta, lá no céu.

É tarde para o acaso. Cedo para saber o que

o destino nos guardou. Talvez haja um tempo e um lugar para nós.

Não é preciso defendermo-nos da violência nem criar violências para nos imunizarmos. Basta não acreditar nela, ouves-me?

Sou como um vírus: preciso de outra alma para sobreviver.”

“Meu irizinho querido. Chego às oito e meia da manhã. Não se mexa.”

Nada tenho a acrescentar. E você? É verdade que esta não foi a última carta. Eu avisei que a ordem era arbitrária. Mas um pouco de ilusão não lhe fará mais mal a si do que a mim. Até já, querida.

Histórias

Ela andava de um lado para o outro em bicos de pés flutuando sobre o tapete.

Dizia: — Bem, o que é que vamos fazer?

Sentado no sofá preto, eu não dizia nada. Olhava-a ir e a vir com o cigarro ora na boca ora na mão, a cinza quase a cair.

— Não te apetece fazer nada? — insistia.

Ela detestava não ter nada para fazer. A mim bastava-me estar ali sentado a olhar a maneira como ela andava de um lado para o outro. Eu não tinha nada para fazer.

— Se continuamos assim acabo por endoidecer. O gato, entretanto, passeava por cima dos livros na mesa, tão alheado e silencioso como eu.

— Já nem sequer me contas histórias. Lembras-te quando ainda me contavas histórias?

Eu lembrava-me. Quando já não sabia mais nenhuma ela pedia para voltar a contar a primeira. Podíamos ficar assim uma noite até amanhecer.

Agora já não havia mais histórias para contar.

O gato saltou para o chão, atravessou vagorosamente a sala e subiu para o meu colo exigindo carícias.

Erro

O erro não é das pessoas, disse, a vida é que está errada. Devias pensar unicamente no que pode acontecer, não no que acontece. O que acontece tem pouco interesse.

Tudo na vida devia ser diferente, disse. As palavras são o maior erro. Todas as palavras. Não há nada de mais inútil porque nada nos responde. Estamos nisto desde o começo e foi um mau começo.

Os corpos apodrecem, mesmo antes de morrerem já vão apodrecendo, disse. Não há nada de mais objecto do que um corpo. Nem para se comer serve.

Os homens sonham perdidamente com a beleza, disse. Mas os homens para poderem ser felizes devem aprender a resistir à dissipação. Os homens estão doentes, isso é que é.

A pornografia ainda é compreensível, o resto muito menos, disse. Mais tarde ou mais cedo acabas por descobrir que não sabes não quer dizer que alguém saiba. Nem a tua ignorância te salva.

Mais do que tudo odiamos a natureza, disse. O que nos distingue de uma pedra é a violência com que a atiramos. Quando preciso desfiguramo-nos só para não sermos quem somos. Todas as guerras são um refúgio.

Não há nada que nos justifique e a culpa não é de ninguém, disse. A vida é que é isto assim.

E calou-se.

Casa da praia

Dirigia-se à janela, punha as mãos nos bolsos, e ficava a olhar as ondas a desfazerem-se na praia. Mais tarde ou mais cedo teria de regressar a casa. O dinheiro acabava-se depressa. Não podia continuar ali, feito morto antes do fim. Mas haveria um fim para tudo aquilo? Talvez não. Afastava-se da janela, agarrava num copo de água e bebia. Ia fazer vinte e quatro anos.

Por vezes o telefone tocava. Deixava-o tocar. Era engano com certeza. Barulho intermitente e estúpido. O telefone deixava de tocar, ele levantava o auscultador e deixava-o pousado ao lado. Há dias que não falava com ninguém. Só consigo, frente ao espelho, a horas irregulares. Mas isso não é falar. Palavras soltas que acompanhava com gestos e caretas que o faziam rir. Pouco a pouco sentia que enlouquecia, e, estranhamente, isso não o assustava. Os homens abandonados a si próprios acabariam todos ou por enlouquecer ou por tornar-se criminosos. Nisto se resumia a sua ideia de progresso da humanidade. Mais valia doido do que criminoso. Ou então as duas coisas ao mesmo tempo.

Não tinha sido sempre assim. Houve um tempo em que viveu com a fulgurante sensação de conhecer a verdade do mundo. A irmã dele mais de uma vez se assustou com a sua fantástica capacidade de recolher em tudo um sentido, como se nada pudesse resistir àquela estranha e simples revelação. Ser-se iluminado, mesmo por pouco tempo, paga-se caro, diria mais tarde a irmã.

Agora estava ali, na casa da praia, húmida e vazia, à espera que nada acontecesse. E nada acontecia. Saía de casa para andar no paredão até se sentir cansado e depois voltava para trás, pelo mesmo caminho, sem olhar o mar. Chegava a casa e deitava-se por cima da cama que não abria e ficava a olhar para o branco sujo do tecto até que por fim adormecia, sem saber quando. Acordava a meio da noite com frio e o tecto escuro a olhá-lo. Ao longe o ladrar de cães. Demasiado perto, o barulho da sua respiração incomodava-o.

Ele tinha acreditado numa coisa e depois deixara de acreditar nela. Quando tentava lembrar-se daquilo em que tinha acreditado, não conseguia. A partir de certa altura começou mesmo a acreditar que não tinha acreditado em nada. Saber a verdade tornara-se uma expressão imprecisa, e a tal perspectiva, em que tudo ganhava sentido, demasiado estreita e inclinada, provocando um fenómeno comparável em física a uma ilusão de óptica. A vida parecia-lhe agora irremediavelmente desfocada.

Adormecia de novo para acordar com os raios de sol a baterem-lhe na cara. Deixava-se ficar muito quieto. Talvez o dia de hoje não seja a simples continuação do dia de ontem, pensava. Talvez tenha ficado adormecido durante muitos dias, vários meses, anos. Talvez tenha acordado noutra mundo qualquer. Mas o que é que isso podia mudar? Transportava consigo o dele e esse estava definitivamente gasto. Não há maneira de fugir do que se leva consigo dentro da cabeça, mesmo no mais distante ponto sideral. Decidia levantar-se, mas continuava imóvel. Há alguns dias que assistia à lenta separação da mente e do corpo, ou lá o que fosse, dando por fim razão às metafísicas. E de repente estava de pé. Dirigia-se para a casa de banho, urinava, olhava-se ao espelho uma vez mais com uma estranha sensação de familiaridade. Lavava os dentes, metia-se no duche, saía do duche, fazia a barba, cortava-se como sempre, dizia um palavrão acompanhado de uma careta, lavava a cara, enxugava a cara. Ficava a olhar por instantes a pequena mancha de sangue na toalha branca. Entrava nu no quarto. Nada de particular, tudo normal. Sempre a mesma coisa. E nada mais se devia esperar.

Só a cabeça não parava. Queria parar mas não parava. Imagens muito nítidas sem continuidade, recordações quase sempre dolorosas — quando não o eram vinham logo agarradas as outras —, frases estilhaçadas, sentimentos irremediavelmente confundidos.

A paixão misturava-se à traição. A própria lealdade descobria-se vil porque utilitária. A tão aclamada liberdade, uma cega e dolorosa injustiça. Ele, como todos os que nascem mais fortes, não tinha senão desenvolvido o seu poder para se tornar ainda mais forte, à custa dos outros, e da maneira mais perversa, que é a da bondade. Não havia perdão não porque as suas faltas fossem demasiadas mas porque o perdão era uma das palavras que ele tinha destruído dentro de si.

Sentado na cadeira de lona, as janelas abertas, o fumo do tabaco soube-lhe mal pela primeira vez. Era o tempo da expiação. Um vazio a ocupar a próxima hora. Sem futuro vai-se tudo

o resto, até tudo o que já passou, disse baixinho a sorrir. O vento soprava inutilmente lá fora. Soprava só por soprar, como tudo. Todos os gestos inúteis, as palavras apagadas, os amores desfeitos, as amizades consumidas. Era assim que ele pensava se bem que não fosse a verdade.

No dia seguinte telefonou aos seus pais para que o viessem buscar. Almoçaram peixe grelhado num pequeno restaurante junto à costa. Pouco falaram, mas a mãe, sobretudo, mostrava-se contente. Voltaram para casa no velho Peugeot 404. Ao atravessarem a ponte fez uma pergunta que não recebeu resposta, porque não a ouviram. Chegaram a casa eram quase quatro horas. Foi para o seu quarto, abriu a janela, olhou para baixo e lançou-se para a rua.

Um quarto de hora depois chegava uma ambulância. A irmã tinha ido ver um filme com o namorado. Coisas que tinham de acontecer, disse ela mais tarde, que tinham mesmo de acontecer.

Ad Lib

Se houver culpa é uma sorte. Se houver essa sorte a culpa é de quem a apanhar. Isto foi o que ela disse. Disse primeiro outras coisas e depois de ter dito isto ainda disse outras coisas, por exemplo: “se as palavras até acabam por matar o amor, como é que não dariam, por motivo maior, cabo de tudo o resto”. Eu concordei. O Miguel não.

O Miguel estava interessado na posição da lua e na composição química de Vénus e na destruição da vontade como única promessa de felicidade. O saber é um inútil peso, dizia. É natural: o Miguel é um ser atormentado pela tentação, o que requer uma perseverante resistência, uma enorme paciência e pouca teoria.

Quanto a mim estive mentalmente ocupado com um novo conceito: a caridade da técnica. Julgo que me entenderam, mas eu explico melhor: a natureza é um logro, a armadilha original, que temos a obrigação de romper pela guerra e pelo amor. Nisto a técnica ajuda muito. Sim, também no amor devemos ser como amáveis pedreiros.

A Paula também nos ouvia, e bem, e todos admirámos o cuidado com que tratava as palavras que dizia. “Quero muito foder contigo”, repetia, embora não fosse verdade.

Isto tudo se passa na varanda de um sétimo andar com música sul-americana em fundo (mas podia ser uma outra música qualquer). As outras pessoas estavam a representar os personagens mortais da peça. Nós, por sina, naquela noite representávamos a graça. Não é um privilégio, é até uma responsabilidade que cederíamos de bom grado. A inteligência, vistas bem as coisas, é um péssimo negócio. Nisso concordámos.

De repente pegou-se um grande fogo. Não nos preocupámos com as coisas que já estavam a arder. Nem com as que corriam perigo de vir a arder. Nem, claro, com as pessoas. A única coisa que valia a pena salvar era o fogo. Foi o que fizemos.

Eu, que me julgo sensato e só perdi por duas vezes a cabeça, agora quero perdê-la muitas vezes mais. De preferência contigo, pequena irmã.

Toronto

A que foi minha mulher disse-me ontem que se ia casar. O nome dele é Rafael e é pintor em Toronto. Nome de anjo. E a cidade quase tão grande como Nova Iorque, só que mais sossegada, um ritmo mais humano.

Eu nunca estive em Toronto, isto foi o que ela me disse. Que se ia casar, que de outro modo ia continuar a sentir-se morrer tão lentamente que ela própria não ia saber se ficasse verdadeiramente morta. Lembrei-lhe que é assim que sempre acontece. Não me respondeu talvez por estar a pensar noutra coisa de que guardou segredo. Disse-lhe que os seus cabelos estavam belos. Disse-me, a sorrir, que tinham apanhado um pouco de chuva e que era por isso que estavam mais encaracolados. Os seus olhos estavam tristes. Os meus também. Provavelmente por motivos diferentes, há tantos motivos para nos sentirmos tristes. Já tinham aceiteado a sua demissão, partia segunda-feira. Por quanto tempo não sabia, talvez para sempre, era-lhe indiferente. Pressupus que gostassem um do outro e ousei fazer essa pergunta pouco precisa, desastrada. Não me respondeu. Pediu-me que a abraçasse. Estranhei o seu corpo porque não me pareceu o mesmo. Ficámos abraçados em silêncio alguns minutos e depois alguém chamou pelo seu nome de um dos quartos da casa. Desfizemos lentamente o nosso abraço como se, por absurdo, tivéssemos receio de nos podermos magoar. Como se pudéssemos ter ficado agarrados por qualquer parte que era ainda preciso agora rasgar.

Passeio

Atravessamos o Tejo. Vamos sobre a água de brilhos metálicos em direcção a um clarão alaranjado que está do outro lado. Vamos à popa, contra o vento, não faz frio. Vamos agarrados. Ela dá-me um beijo na cara e sussurra-me: “O meu pai beijava-me assim”. O amor é uma coisa no passado, muito ao longe. Temos pouco tempo. O barco faz com perícia a manobra para atracar. As pessoas juntam-se todas do mesmo lado com pressa de chegar. Nós não temos pressa. Temos pouco tempo mas não temos pressa, não temos que chegar a nenhum lado.

Vamos de mãos dadas. Levam-nos os passos que damos. Neste preciso momento é o suficiente. Os passos levam-nos por entre as ruas estreitas e iluminadas. Ouvimos o coração um do outro, só isso, ou antes, imaginamos o barulho que faz o coração um do outro e é o bastante. E às vezes um pássaro voa baixo sobre as nossas cabeças. Todas as portas estão fechadas. Dorme-se lá dentro. É como se toda a gente tivesse morrido. Há uma saudade nisto tudo que não se sabe de quê. Voltamos para trás, pelo mesmo caminho, refazendo os passos. São só os passos que passam, e isso também é o bastante.

Depois estamos num quarto. Nenhum de nós tem a ousadia de abrir a luz. Temos medo de nós, e esse medo é bom, como um arpejo. A esta hora todos os corpos são demasiado pesados, diz. Eu penso, como sempre, o que não digo. Ela põe um disco e a música enche o quarto. “Faz-me qualquer coisa”, diz, “qualquer coisa”, repete. E eu faço. Não acabo de fazer. Sou muito desajeitado. Rimos. Não é bem nem mal: é só assim. E isso é bom.

Não vale a pena despedirmo-nos. Não vale a pena dizer quase nada. O que dizemos fica calado. Ouve-se só um pouco mais tarde. Aos poucos, baixinho, em segredo. São palavras que só nós sabemos.

Jerusalém

Cheguei ontem a Jerusalém. Cheguei há três semanas a Jerusalém. Cheguei há dezoito meses, há vinte anos a Jerusalém. Não sei quando cheguei.

Faz um calor de estufa. Durante o dia não corro os estores. Vou de um lado para o outro e depois sento-me. Trago dentro de mim uma estranha companhia. Procuo impôr uma ordem na sucessão dos dias: escrevo horários meticolosos de trabalho e lazer, procuro cumpri-los, mas o caos, por detrás, irrompe por uma pequena fissura e alastra-se acabando por me paralisar. Não faço nada. Ouço com uma atenção sem propósito os barulhos que chegam da cidade: travões de carros, bater de portas, palavras que não compreendo, por vezes um estampido ou um choro azedo de criança. É uma estranha guerra esta. A cidade há milénios que está ocupada.

O meu marido não é o meu marido. O meu amante há muito que não é o meu amante. O meu filho sinto-o a crescer dentro de mim como um intruso. O amor foi a mais doce das ilusões. Agora, quando os sentimentos se deixam precisar de um modo suficiente, sinto raiva. Uma raiva do tamanho do mundo. Só esta raiva me faz sentir viva. Devia ter mentido mais. Agora é tarde. A lucidez é insuportável. As vezes bebo e é pior ainda. Fumar é das poucas coisas que me ajuda. Fumo muito mais do que seria aconselhável. A maior parte do tempo não sinto nada.

O calor persiste, insuportável. Tomo um duche de água fria e deixo-me ficar quieta a sentir a água secar na minha pele. Deito-me na banheira vazia onde o som dos pingos de água a cair chega para ocupar o meu vazio. Vim aqui parar como quem fugiu durante muito tempo e tem de continuar a fugir, mas perdeu as forças e tem a certeza que alguém a vem buscar. E não chega ninguém.

Volto para a sala. Faz escuro. Anoitece em Jerusalém e em mim.

Abro o rádio, procuro um posto. Ouço notícias que não entendo. Se as entendesse de qualquer modo não as entenderia. Falta-me tudo. Desligo o rádio. Lembro-me de um poema que ele costumava dizer. Lembro-me das primeiras linhas. Não me lembro de mais. Faz escuro.

Vou à janela e corro os estores de finas ripas de madeira. Saio para a varanda. O silêncio e o calor oprimem-me o peito. Ouço muito forte o coração dentro de mim e depois um guincho de animal e um movimento do ar trazem-me de novo a mim. O que havia por resolver já foi resolvido e tudo o resto permanece insolúvel.

Dedicatória

Abri o primeiro livro que estava sobre a mesa, uma tradução de um romance americano, e li na página de rosto uma dedicatória em língua estrangeira: “Te amo. Carla”. Os amores deixam sempre algum rasto, pensei, mesmo os de pouca dura.

Isto enquanto o meu amigo fazia a barba.

Tinham-me avisado que ela era da espécie maldita, incapaz de amar e incorrigivelmente mentirosa, que o casamento marcado nunca se chegaria a realizar. Mas quando a conheci, e foi a única vez que a vi, confesso que simpatizei com ela. Estava vestida de negro e tinha feições de raça do Sul, muito magra e escura de pele. Enquanto a ouvia falar senti uma estranha compaixão por me parecer um ser alheio ao nosso modo de vida e como tal exigindo um cuidado particular. Mas quando se sentou ao piano e começou a tocar, a ideia que dela tinha sofreu a mais completa revolução. Tocava Schubert, o meu preferido, divinamente.

O meu amigo entrou na sala, ainda sem camisa, para me oferecer uma vodka com gelo. Reparei no seu corpo, ao mesmo tempo magro e flácido. Tinha porém a mesma idade do que eu. Senti uma estúpida vaidade invadir-me que me fez esquecer de imediato a dedicatória, a rapariga do Sul e a sonata de Schubert.

De perfil

Nos espelhos do elevador sente resistência em reconhecer-se de perfil. Em particular o nariz parece-lhe o de outro.

Já usou óculos. Agora a miopia foi camuflada por lentes que, abandonadas, pairam no ar.

A vida tem-no desconcertado e, às vezes, confessa que anda atordoado com os tempos que correm.

A história da família é simples.

O avô paterno ganhou uma cautela na lotaria da Páscoa de 1932, comprou acções num barco pesqueiro que veio a afundar de seguida, e continuou a vender gravatas para os lados da Almirante Reis.

O avô materno, emigrante da Póvoa, fugiu dos Estados Unidos por pequenos delitos económicos, com a avó, o tio e a mãe pequeninos, e uma mala com dólares que veio a depositar debaixo da cama até acabar vazia com os gastos e a inflação. Só lia jornais ingleses. Passeava às tardes por Campo de Ourique e enganava as amantes sucessivamente. De resto teve uma vida pacata, forçando os filhos a tocar piano e violino. Acabou caindo no poço de uma quinta que comprara.

Hereditariamente o perfilado considera-se sucessor directo destes antepassados, tendo os pais cumprido meras funções biológicas para demarcação de gerações.

Nunca conheceu um único estrangeiro que conseguisse pronunciar o seu nome, aliás bem simples, sem que tivesse de lhe dizer: “Não é bem isso, mas não faz mal. Chame-me como quiser”. Quanto aos que falam a mesma língua, estranha não se conseguir lembrar de uma única ocasião em que o tenham chamado pelo seu nome: em sua vez surge uma inexplicável interrupção, um breve silêncio. Assim sendo é porque sofre de obsessão perfeccionista e falta de memória.

Esteve casado como toda a gente. A mulher fugiu com o antigo namorado. Tem sentimentos ambíguos quando lhe acontece pensar nela, mas as mulheres de cabelos negros e encaracolados continuam a atraí-lo. Nunca teve intenções de fazer perdurar o seu nome de família, que sempre lhe pareceu ligeiramente ridículo.

Politicamente deixou de ter opiniões. Ficou só convencido de que todas as palavras terminadas em “ismo” pertencem à grande família dos mal-entendidos. Nunca votou se ainda nem conseguiu decidir-se entre o princípio monárquico e o regime republicano. Talvez se trate, no entanto, de uma mera desculpa, e a causa da sua desconfiança em relação à representatividade em democracia esteja simplesmente no seu feitio, abominando esperar em filas.

Há três semanas que se sente apaixonado pela nova recepcionista do Health Club que frequenta. Não sabe o que há-de fazer, nem se há-de fazer o que quer que seja. É um snob sem razões para isso. Já conhece o horário de trabalho da rapariga que lhe faz suar a alma, mas ainda não conseguiu apurar o seu nome. Moralmente trata-se de uma atracção pecaminosa, visualmente de uma atracção em cheio.

Metaforicamente é um sprinter e não um corredor de fundo. O que fez na vida fê-lo em grande correria e com os bofes de fora. Depois espoja-se e é completamente inútil durante largos meses. Na guerra seria daqueles heróis que só o são porque a ansiedade, não lhes permitindo aguardar mais, os faz correr, gritando, para dentro das rajadas inimigas. Não é bem coragem, é preferir morrer depressa a morrer devagar.

Do que conseguiu fazer nada há que se consiga ler na sua cara. E quando lhe perguntam: “O que é que faz?”, esquiva-se à resposta, por dificuldade em voltar a encontrar aquilo que fez. Nem sequer sabe onde procurar. É organicamente desarrumado. Se insistem diz: “Fazer, fazer não faço nada. Aliás uma pessoa não escolhe tudo”. Já conseguiu porém chegar à conclusão que sendo impossível a uma pessoa avaliar

a sua utilidade social ou anti-social, é certamente por não fazer muita falta. Em situações mais intensas costuma retomar este pensamento que lhe traz alívio e consolação. Se não, toma um Lorenin doseado a um miligrama e estende-se numa cama.

O que pensa ele da vida e da morte? Compartilha da estúpida ideia de que as metafísicas se deram ao trabalho de dar cabo umas das outras sem a ajuda de mais ninguém. E quanto às religiões, depois de leituras aplicadas e enciclopédicas, viu-se obrigado a constatar que não poderia escolher alguma sem prejudicar as outras, e escolher todas seria ficar sem nenhuma. Já não assiste, assim, a nenhum tipo de serviço religioso praticado na capital. A vida e a morte são coisas em que não se consegue pensar, ponto final.

Encontro para almoçar

Repito a mim próprio que aquela mulher ali sentada à minha frente a comer um “gigot d’agneau” é a mesma que três anos antes me fez desesperar de tudo em absoluto como nunca antes e nunca depois, e não acredito.

— Chamamos realidade a uma espécie de ilusão — sai-me estupidamente sem querer. — A que é que tu chamas uma ilusão? — pergunta-me ela.

— Nada. Está-te a saber bem? Ando cheio de fome desde que comecei a andar de bicicleta.

— De bicicleta?

— Sim. Vou até ao Guincho nos fins-de-semana. Da última vez tive um furo e tive de voltar a pé.

— Não te sabia assim desportivo.

Eu também não.

Nenhum de nós quis sobremesa. Eu bebo o meu café descafeinado com um pouco de leite frio enquanto ela bebe demasiado devagar, como sempre, o seu sem açúcar. Há coisas que não passam, as coisas que não têm importância nenhuma. Tudo o resto é intermitente e fugidio, acho eu.

Olho para o relógio. São três e um quarto. Afinal temos pouco para nos dizer. Podemos ficar por aqui. Mas não quero ser brusco. O melhor é dizer-lhe algo próximo da verdade sugerindo a hipótese de um outro e melhor almoço.

Levantamo-nos. Os nossos olhares batem um no outro. Não sei de onde, mas chega-me um sentimento antigo que não consigo definir, acompanhado de uma ligeiríssima tontura. Sento-me de novo e ela também.

— O que é que tens? — diz-me sem mudar de expressão.

— Não é nada. Ou antes, lembrei-me de alguma coisa. Só que não sei dizer o que é.

— Mas de quê? Tens a certeza que te sentes bem? — diz parecendo preocupada.

— Sim, nunca te aconteceu ouvires uma música que te faz lembrar uma pessoa e não consegues saber quem é?

— Não, por acaso não. Mas agora já percebo. Ouviste alguma música? — pergunta num tom irónico.

— Foram os teus olhos, a maneira como os teus olhos me olharam.

Estupidamente apeteces-me.

— Estupidamente?

É o quarto número 1819. A vista é surpreendente sobre o Parque Eduardo VII e a Avenida da Liberdade. O quarto é asséptico e impecável em excesso. A primeira coisa a fazer é abrir as janelas, desfazer a cama, enquanto ela se esconde na casa de banho. Assim fica um bocadinho melhor. Quando volta estou estendido em cima da cama de sapatos e tudo. Ela fica de pé e observa-me sem dizer uma só palavra. É verdade que ela já me conhece. É uma vantagem, poupam-se palavras. Sempre me incomodou o abuso que delas se faz. Quantas frases disse eu ao todo na minha vida que de facto tivessem valido a pena ser ditas? Juro que estou a pensar nisto enquanto ela se despe e se vem deitar ao meu lado.

— Tanto tempo, querido.

— Sim, há tanto tempo.

— Não te queres despir?

— Não — digo secamente e depois arrependo-me de o ter dito assim.

E ela beija-me os olhos e depois o pescoço. Por exemplo, todas estas frases que trocamos, são completamente inúteis. As mais belas recordações serão sempre mudas.

Fizemos o que queríamos fazer. Mas soube-me a menos, se se pode fiar na memória do prazer.

Agora estamos os dois nus sobre a cama e olhamos o tecto. Ela fuma um cigarro. Ao longe ouvem-se os carros passar. Mais perto uma descarga de água de algum quarto vizinho. Mas não haja dúvidas que o esforço do prazer traz serenidade. O que não vai ser possível é ficar assim como estamos por muito mais tempo. Tenho a certeza de que dentro de muito pouco tempo ela vai falar, quebrando inadvertidamente estes poucos minutos mágicos. A antecipação traz-me ansiedade. Mais vale ser eu a falar.

— Tanto tempo. — retomo.

— Sim, há imenso tempo. Mas parece que foi agora mesmo que tudo aconteceu, não achas?

— É por fazerem parte do mesmo mundo que as coisas saltam assim para se juntarem. Os diferentes mundos que vamos fazendo é que estão separados por uma eternidade.

— É isso mesmo. E o nosso mundo então quando é que acaba?

— Os mundos não acabam. Nós é que acabamos com eles. Vamo-nos embora, deixamo-los. Se quiséssemos poderíamos sempre voltar. Estão à nossa espera, se calhar até têm saudades...

— É bonito o que dizes. Sempre gostei de te ouvir. Foram as histórias que tu me contaste que me seduziram.

— Só as contava por ter medo.

— Medo de quê?

— Medo de que não gostasses de mim, claro. Enquanto ouvias as minhas histórias entretinha-te, distraía-te de mim. Se reparasses em mim, nem que fosse por um instante, fugias logo, tenho a certeza. Foi sempre assim. Sou um monstro que conta histórias para se esconder atrás delas.

— És um tonto, é o que és. Eu gostei logo de ti e não foram as tuas histórias. Quando te vi pela primeira vez estavas a cozinhar.

— É verdade, essa primeira vez que me viste estava a representar uma história em que eu era um cozinheiro desastrado, o que é obviamente um caso de fácil simpatia, foi o que foi. Tu gostaste do meu desempenho, é tudo.

— Não sejas mau, não digas isso.

— Pronto, então não digo mais nada. Passa-me um cigarro se fazes favor.

Acendo o cigarro e contemplo o fumo azulado que sobe no ar. Sinto-me ligeiramente tonto e enjoado. Estas coisas. Ela levanta-se e esconde-se de novo na casa de banho. Ouço o duche a correr. Levanto-me como um autómato, apago o cigarro, visto-me rapidamente e saio do quarto, fechando a porta muito devagar. No corredor uma criada olha-me com ar de quem suspeita. É só no elevador que resolvo não pagar a conta. Não sei porquê, sinto-me aliviado.

“O que começa com uma espera, merece bem uma fuga”, digo ao chofer de táxi que, virando-se para trás e fixando-me nos olhos, pergunta: “Para onde é que o Senhor quer ir?”

De repente começa a cair uma carga de água. Ao fim e ao cabo continuo um tipo cheio de sorte.

Carta ao José

Deixou só uma rosa que depressa feneceu. Mais não recordo para além de certo movimento desastrado dos corpos e uma estranha secura na boca.

E se mais houvesse não bastaria. A satisfação abre também as suas portas sobre nada. Ficamos quietos e não sabemos. Comemo-nos na boca e no peito. E por detrás de tudo isto há um fundo que é uma paisagem gelada.

Se mudamos de ideias é porque se vão empurrando, uma a uma, para fora. A casa é estreita. Se não fosse o mudares subitamente de cara desistia. Esteja à sua vontade. Pode fazer, minuciosamente e sem pressa, tudo o que quiser.

Já reparou certamente que comigo não se vai a sítio algum. Nem de passear gosto. Continuo imóvel diante da janela do quarto da minha mãe. E o meu inverno chega-me.

Sabendo com precisão que não ficou nada criamos a ilusão da memória. Para isso servem as rosas. E as horas são todas iguais. Por isso vem sempre que queiras. Se te esperasse não te encontrava. E já houve um mistério nisto tudo que desapareceu. Por isso volta a qualquer hora. A casa estreita onde me deito não é minha. Eu quase gosto desta vida que tenho.

Não queremos saber do que se passa lá fora.

Definitivamente terminaremos. Os braços continuam caídos sobre o tampo da mesa. Mas de quem? As palavras que ouvimos são desfeitas. As palavras sagradas seriam soluços de uma ave pousada na tua cabeça. Mas não existem palavras sagradas. Amanhã recomeçamos.

Não te esqueças que se uma parte é ilusão a outra é verdade. Foi mesmo ela que te amou. Mas há coisas que se não dizem. Como estas. E, claro está, que não vale a pena pensar nisso e não se pode evitar. As coisas inúteis são preciosas para almas sem sossego como as nossas. É quase belo agora. A noite que caiu guarda tudo nas suas mãos fechadas e o brilho dos teus olhos é o de uma estrela de que não me lembrarei. Dorme agora.

Casa

Vivem na mesma casa. Cada um tem o seu quarto pequenino. Cada um tem a sua janela. As escovas de dentes cabem todas dentro do mesmo copo.

Na sala há três cadeiras e uma lareira. E um sofá muito largo.

Têm horas para se visitar. Ele visita-a logo de manhã, é mesmo a primeira coisa que faz. Àquela hora ela deixa-lhe fazer tudo o que ele quer e depois ele fica com ela dentro dele todo o dia sem precisar de mais ninguém. Nem precisa de saber quando o outro a visita, embora saiba que se visitam e que isso é bom mesmo que doa sempre um bocadinho.

Dói sempre um bocadinho viver na mesma casa. É uma sorte. Jantam quase sempre juntos e está proibido convidar quem quer que seja para passar a noite. Com antecedência os amantes são avisados desta regra e respeitam-na.

Em geral falam pouco. Ouvem música. Cada um tem o seu dia melhor do que os outros dias. Cada um tem o seu dia de festa. Todos os dias. De resto estão só juntos sem nada mais que os ligue.

Escrevem-se mensagens que deixam por debaixo das portas dos quartos uns dos outros. Mensagens de amor, de raiva ou simples recados práticos: Hoje não te esqueças que tens de ir pagar a luz. Ninguém tem autorização para irromper no quarto do outro, qualquer que seja o pretexto. Só em caso de incêndio. Mas não há incêndios.

Ela é muito bonita. Eles são feios. E está bem assim. A beleza dela chega para a casa inteira. Eles têm que estar sempre a arranjar maneira de pagar aquela dívida. Por isso dão-lhe presentes todos os dias. Ela só sorri e é mais do que suficiente. Ela gosta tanto dos dois que se perdesse um deixaria de gostar do outro, tem a certeza. Isto é o que ela diz, mas nenhum dos dois acredita.

Eles são doentes. Sofrem de coisas várias e muito difíceis de dizer quanto mais de curar. Ela chora quando pensa nisso. De resto são muito felizes.

A casa parece toda branca por dentro. Não têm televisão.

Também acontece sentirem-se sozinhos. Então falam das outras pessoas com muita compreensão.

Nunca saem juntos senão uma vez por ano. Esse dia é muito importante, pode ser no Verão ou no Inverno. Não sentem culpa. Não escolheram que fosse assim. Não precisam de mais ninguém senão para se lembrarem que não precisam de mais ninguém. É uma injustiça grande viverem assim, mas não se importam. Nisso nem pensam. Até ao fim ainda há muito tempo, enganam-se.

Também se zangam. Mas só o bastante para sentirem como é doce refazerem as pazes. Ele escreve todo o dia. O outro trabalha num banco. Ela faz coisas várias em tempos diferentes e sai todas as noites. Gosta muito de sair de noite e encontrar pessoas. Os homens bonitos, por vezes, fazem-lhe falta e ela tem sempre só o que quer deles. Raramente volta depois das sete da manhã.

Quando um está triste os outros dois também ficam tristes. Choram juntos, se for preciso. Nenhum deles pergunta porquê. Estão só tristes. E o contrário também é verdade. Riem baixinho. Não acreditam no mundo, nem em deus.

A verdade é que se não fosse ela não estariam juntos. Ela é a alma boa que os tem assim sossegados e ternos. Sem isso quem sabe o que poderia acontecer-lhes? Eles pelo menos não sabem. É isso que os tem juntos. O que poderia, sem ela, acontecer-lhes?

“Fica querida com um beijo que não passe”

Não devia ter-te deixado entrar assim na minha vida, não devia. Mas não pude. Entraste em mim num assalto e foi doce resistir. Agora quero expulsar-te, e não consigo. Perdi-me em ti, por descuido. Agora não me encontro sem ti.

De tudo nada ficou como prova: nem uma linha com a tua caligrafia, nem uma fotografia em que estivéssemos os dois, nem um dos teus lenços preferidos. Por vezes julgo, enlouquecida, que nem sequer exististe. Fecho os olhos e faço por fixar uma só imagem na memória, um só movimento curto dos teus braços, um sorriso na tua cara, uma única palavra, boa ou má, e não consigo. A imagem escorrega, desfaz-se no centro ou nos cantos. Quanto mais tento, mais me escapa. Volto atrás e recomeço. O que me vem não é o mesmo. Não quero abrir os olhos para não ter que não te encontrar.

Quando me encontraste não precisava de ti. Já tinha ouvido dizer o teu nome e não fiquei curiosa. Quando me telefonaste disse-te que sim, como diria que não, por tédio. Como tu conheci muitos. No jantar aborreceste-me com as tuas conversas em que só falavas de ti, directa ou por interposta pessoa. Conhecia o teu género e não me agradava. Nem sequer chegavas a ser bonito ou frágil. Bebias demasiado. Estavas cheio de ti. Quando chegou o fim do jantar digo-te que o que senti foi alívio.

Telefone-te e tu não atendes. Sei que estás lá. Sei ainda que sabes que sou eu. E não atendes. Telefono a meio da noite para te acordar, para te obrigar a pensar em mim. Mal ou bem, é-me indiferente. Sim, chama-me nomes: sou eu.

Tudo foi por acaso. Achei ridícula a tua insistência ao telefone. Disse-te para não vires, e tu desobedeceste. Chovia muito. Eu chorava, por razões que nunca saberás, que nem sequer quiseste saber. Agarraste-me os braços, armado em protector. Nem sequer ouvia o que me dizias quando te deitaste ao meu lado no sofá. Ouvia só o som da tua voz, esse sim, confesso, a encantar-me. E depois tomaste-me como um ladrão, fazendo de cada recusa um avanço. Não era o teu nome que eu sussurrava entre dentes enquanto julgavas que me tinhas.

Deixaste-me de uma maneira tão covarde. Na véspera, depois de uma discussão horrível, voltaste a prometer-me tudo. Sabia que mentias. E quando de manhã te deixaste ficar na cama e te despediste de mim lembrando-me que tínhamos um cinema combinado para a noite, também sabia que mentias. Quando voltei soube que tinhas dito a verdade quando repetias que não me merecias. Sobre a cama um postal com uma frase escrita à máquina: “Fica querida com um beijo que não passe”. Só te vou perdoar quando te esquecer.

Não sei quanto tempo demoraste a perceber que estares ali comigo não era uma vitória tua e que usava da companhia do teu corpo e dos seus préstimos para outras coisas tão banais como seja ires comigo à lavandaria. Mas sei que quando o soubeste e partiste uma primeira vez, a verdade era outra, e muito pior para mim. Houve essa noite em que soube que já não podias partir sem estragos, que já não suportaria perder-te sem dor.

Foram dois meses? Três? Em viagem o tempo é mais veloz ainda. Enquanto conduzias adormecias facilmente no teu colo. E nos hotéis protestavas contra tudo, envergonhando-me. Deixavas-me pagar as contas todas, e nada tinha demasiada importância. As paisagens eram belas, as cidades silenciosas, as estradas largas. Só tu eras o contrário do que devias ser e encalhei em ti como uma naufraga. Bebias sempre demasiado. Alternavas as palavras mais carinhosas com uma violência despropositada. Irritavas-te comigo, contigo, com o empregado de balcão. Fazias-me chorar. Aprendeste depressa demais todos os segredos do meu prazer e abusavas deles. A tua ideia do futuro era a de um planeta só habitado por loucos e criminosos. Confessavas muitas vezes que o

nosso encontro tinha de ser breve para se manter belo. E enquanto durava ias estragando tudo.

Sei agora que o que me fascinava em ti era a tua desilusão. Tinhas estudado matemáticas em Atenas mas só admiravas os poetas. Ganharias dinheiro facilmente, mas recusavas-te. Nunca falavas de outras mulheres, o que era pior ainda. Os teus olhos, turvos por detrás das lentes, ajudavam ao mistério. Quando bebia contigo levavas-me para sítios tão inóspitos que tinhas de me trazer de volta, e eu tinha tanto medo como quando era criança e o meu pai me fazia atravessar o corredor sem luz. Assustavam-me as tuas bruscas mudanças de humor, as tuas súbitas ausências. Nunca te vi ler um livro. A vez que te vi mais entusiasmado foi diante da televisão a ver um jogo de futebol. Mas às vezes, inesperadamente, recitavas Homero, em grego antigo, sem que eu entendesse uma só palavra, e eu sabia então como nunca da minha paixão.

Já não te escrevo cartas. Tenho a certeza que não as abres e que as deitas para um canto junto com as contas por pagar e a publicidade de enciclopédias. Gasto demasiado dinheiro a mandar-te telegramas. Perdi toda a vergonha. Suplico-te que voltes. Ofereço-me como escrava. “Faz de mim o que quiseres”. E tu não fazes nada. Se ao menos tivesses medo de mim, como tive de ti, e o perdi.

Presente, ainda te conseguia assustar. Lembras-te como te pus a sangrar com o estalo que te dei no carro, quando me disseste que restava sempre uma maneira radical e definitiva para escapar de ti? Quando o carro parou saí do carro a correr para dentro da floresta de castanheiros. Tu tentaste seguir-me, mas depressa deixaste de me ver. Muito quieta ouvia a tua voz a chamar por mim. Eu sei que estavas assustado. A tua voz traía-te. Gosto de me lembrar dessa voz a chamar por mim. Agora já não te posso assustar assim. Esperavas-me no hotel, onde cheguei bastante mais tarde, num quarto cheio de fumo, com uma garrafa de Gin no fim, que acabei. E quando te deitei, tu pediste-me perdão, se bem que já não te lembrasses disso na manhã seguinte. Foi a única vez que te senti meu.

Adio tudo tanto quanto posso. Tiro férias adiantadas. Deixo as coisas mais simples por fazer: buscar o relógio que está a arranjar, levar a roupa à lavandaria. O atendedor automático regista o que, ao fim do dia, apago sem ouvir. O gato passa a fome que eu não tenho. Fico horas dentro da banheira a ouvir o mesmo lado do mesmo disco e tu sabes qual é. Envelheço muito. Não sabia que isto podia acontecer. Começo a odiar-te, o que não me livra de ti.

Também sabias ser terno e atencioso. Levavas-me pelo braço em visitas guiadas aos museus para revermos sempre os mesmos quadros que com as tuas palavras transformavas em lições de história e de moral. Passeavas-me pelos parques nos dias muito frios com o teu cachecol encarnado, inventando o nome das árvores, beijando-me sem pudor diante de grupos de velhos. Sabias levar-me à felicidade para depois melhor sentir a tua distância gelada, a tua crueldade física. Muitas vezes preferi que me batesses a que me deixasses assim, e disse-to.

Fazias-me sentir uma menina, e depois uma estranha, mais tarde um bicho. Mas nunca era eu. Não me reconhecia nas poucas palavras que dizias de mim. Rias-te de mim. Eu nunca me ri de ti.

Tive hoje um apetite que não soube identificar. Houve qualquer coisa que procurei e que não encontrei. Pouco a pouco volto a mim. Dou de comer ao gato. Não ouço mais o nosso disco, que se partiu. Abro as janelas e deixo entrar o vento e sabe-me bem. Mais tarde ou mais cedo serás uma recordação, nada mais. Não depende sequer de mim. É uma coisa fisiológica. Desculpa-me. Se tivesse mão nestas coisas não seria assim.

Poucas vezes falavas do que tinhas sido. Do comunismo, o mais belo dos sonhos, que te tornara patente para sempre, a miséria insuperável dos homens. Dos teus trabalhos de geometria, cinco meses a comer papas e a dormir três horas para ficares doente um ano inteiro com uma tese que não serviria nunca para nada. Da morte do

amigo querido que desistiu disto tudo. Odiavas francamente as opiniões e as soluções teóricas. Dizias que os esquimós eram mais sabedores do que nós e davas exemplos. O progresso era a pior coisa que podia acontecer à humanidade. Não concordava com os teus exageros. Dizias-to, e tu respondias que quanto a isso eras pior do que eu, que não compreendias nada. Não me lembro de quase nada do que me dizias.

Acordavas de manhã e bebias sumo de laranja com vodka. Acordavas de noite para fumar. Dormias de manhã até eu voltar. Havia noites que passavas de pé, a andar de um lado para o outro, como um animal enjaulado. Como um animal me agarravas, te saciavas, me deixavas. Voltavas dois dias depois. Quando não sabias inventavas. Não havia amor possível, dizias, o tempo não deixava. Não acreditavas. Vomitavas. A vida não é uma coisa que se deseje a alguém, insistias. Fui eu quem disse que tinha de partir, que já não aguentava. E foste tu que fugiste, cobardemente, sem te despedires, sem nada deixares a não ser duas leves marcas no meu corpo que, durante semanas, me escondi.

Onde estiveres não penses em mim. Deixa-me de todas as maneiras, as mais subtis. Tem muito cuidado com os cigarros, sobretudo não adormeças a fumar. Sinto uma paz grande que me vem pouco a pouco agarrar. Estou cansada. Vou dormir e quando acordar tu já não existirás em sítio algum dentro de mim. Juro.

Lágrimas

Forçava-se a chorar antes de chegar a casa depois de ter estado com o seu amante. Olhava, por exemplo, o espelho do elevador e dizia a si própria baixinho que o tempo lhe havia de roubar toda a beleza.

Isso era o suficiente para que lhe viessem as primeiras lágrimas aos olhos, que consigo traziam outras, porque havia sempre uma série de recordações dolorosas guardadas na parte mais sombria da memória, que para isso podia servir.

Forçava-se a chorar porque estava convencida que o prazer que lhe dera o seu amante lhe ficara estampado no rosto como num tecido, e que só as lágrimas podiam diluir esse brilho particular dos olhos e diminuir a intensidade vermelha dos lábios de quem tinha passado pela extrema excitação de ter traído.

Por vezes talvez chorasse porque sentisse vergonha. Mas quando se perguntava de quê só lhe ficavam as perguntas sem resposta. Não estaremos sempre um pouco a mentir, antes de mais a nós próprios? Haverá traição enquanto o traído a ignorar? Como resistir ao que nos avassala? Porque resistir a um desejo, se o desejo é a única coisa clara, directa, indubitável?

Havia duas razões, óbvias mas suficientes, para esconder ao seu marido os encontros com o amante. A primeira era temer que ele não os aceitasse, a segunda e principal, era que, desvelados, esses encontros perderiam grande parte do seu fascínio, alterando as duas relações de um modo que ela receava não poder controlar. Na situação actual, pelo contrário, ela sentia-se como a aranha se deve sentir movendo-se sobre os fios da sua teia, tão frágil como perfeita.

Depois de fechar atrás de si a porta de casa não era difícil encontrar motivos que justificassem as lágrimas. Aliás, muitas vezes, eram desnecessárias. Quando ele não se encontrava em casa, ela punha logo um banho a correr onde depois se abandonava aos mais diversos pensamentos até a noite chegar. Quando não, era ou porque tinha discutido mais uma vez com o seu pai, ou porque tinha sido humilhada por homens na rua, ou sem razão alguma que não fosse o estar triste sem saber porquê. Ele fazia-a sentar no seu colo e afagava-lhe os cabelos com toda a ternura. Então ela parava de chorar.

Quarto de Agosto

Era o mês de Agosto em Salamanca e ele tinha-se esquecido de que era assim o calor.

O quarto dava para um pequeno pátio interior com roupa pendurada a secar. A certas horas baixavam palavras de mãe e soavam passos rápidos, pequeninos, e entretanto o silêncio ou o barulho de aves.

Ele estava deitado no quarto onde nunca se abriam as luzes. Há quanto tempo nem eu sei.

Era o mês de Agosto em Salamanca com touros mortos arrastados na praça deixando na areia um rasto de sangue, raparigas feridas de amor — no lugar de sempre —, gelo em copos altos agarrados por mãos de homens, uma fina poeira em cima das pedras rosa de que é feita Salamanca.

Ele não saía de casa. Estava deitado no escuro e tinha-se esquecido de que era assim o amor.

Então ela entrava no quarto, sentava-se no chão junto a ele, pegava no leque, abria-o e começava a refrescá-lo com o seu vento.

Às vezes ele agarrava nela ou ela agarrava nele, o leque aberto no chão. Depois ela voltava a pegar no leque e a fechá-lo e a abri-lo como fazem as espanholas. Depois partia.

Às vezes falavam. Desenhavam em mapas as pistas que é preciso seguir para atravessar um deserto, discutiam maneiras de enriquecer muito depressa, repetiam passagens de livros que os dois liam, espantados por não saberem um do outro. Criavam ilusões a que davam uma enorme importância.

Não gostavam de falar do que antes lhes tinha acontecido, porque o amor magoa sempre, mas falavam, e então o silêncio por detrás era um muro onde as palavras batiam e voltavam, fazendo eco. A maior parte do tempo não falavam.

Era o mês de Agosto em Salamanca e ele estava deitado, nu sobre um lençol.

Acontecia tocar o telefone ou baterem à porta. Mas só ela entrava no quarto, só ela. Trazia-lhe bolachas, e sumos, e água. Várias vezes por dia a possuía ou o contrário, marcando o tempo.

Foram felizes naquele mês de Agosto em Salamanca e não o souberam.

Ficção

Viviam juntos fazia já vários meses. Havia quem achasse mal e o fizesse sentir deixando, por exemplo, de telefonar quer para um quer para o outro.

Jorge era o primeiro a acordar. Não fechava nunca os estores da janela e as manhãs eram muito claras. Agarrava, ainda deitado, o livro que tinha deixado aberto no chão, punha as duas almofadas uma sobre a outra, começava a ler, só se lembrando então do que estava a ler. Um romance em que o amor de duas mulheres condena um homem à solidão e ao ódio por si próprio. A companhia é sempre uma pena suspensa, pensou estupidamente logo se arrependendo.

A meio da manhã Jorge fazia um chá que vertia em duas chávenas, uma com leite, outra sem leite. Depois levava a chávena sem leite a Emmanuel. Era uma cerimónia. Emmanuel estava deitado com os olhos muito abertos. Jorge não perguntava no que é que ele estava a pensar, se bem que o que quer que fosse o intrigasse muito. Pousava a chávena sobre a mesinha de cabeceira e saía do quarto para ir tomar duche. Antes talvez trocassem breves palavras. Podia perguntar, por exemplo, se Emmanuel queria ouvir música.

Isto acontecia aos domingos, claro, porque nos outros dias Jorge saía muito cedo. À tarde iriam dar um passeio de bicicleta ao longo dos canais fazendo levantar voo as gaivotas. Com sol seria ainda mais belo. Se não talvez pudessem ir ao cinema. Emmanuel gostava particularmente de filmes de ficção científica. Dizia que o faziam suportar melhor a realidade porque a mostravam só como um caso possível entre muitos outros.

Agora sou eu a falar

Agora sou eu a falar. Conhecês esta palavra? Como é que isto se diz? Eu estou apaixonado por ti. O que é que eu preciso de fazer para tu me veres. Nada, não faças nada. Mas pelo menos pára de olhar para todo o lado. Olha para mim. Eu preciso muito de olhar para ti. Sim, assim. Agora não consigo dizer. Não, não é difícil, só não consigo deixar de dizer. Quando deixar de ver a tua cara o mundo vai ficar tão pobre de repente que não sei se vou aguentar. Eu sei que vou aguentar, mas não sei como é que vou aguentar e não sei, sobretudo, se devia aguentar. Eu sei que tu sabes, mas se quiseres podes dizer. Repete lá. Não me importo, faz de mim o que quiseres. Já te disse. Tu também podes fazer o que quiseres, mas dentro dos limites. Sim, tu falas muito bem e tudo, mas mesmo tudo o que dizes é verdade ou também é verdade. Há muito tempo que não dizes um único disparate. Se quiseres podes dizer um agora. Sim, é verdade. Mas tu não ligas às coisas que eu digo, e se quiseres que eu pare de falar basta pousares a tua mão sobre a minha nuca. Assim. Agora és tu a falar.

Agora sou eu a falar. Não tenho vergonha nenhuma. Podes-me beijar mesmo aqui que eu não me importo. Diante de toda esta gente, que não me importo. E podes chorar a pensar nele que eu também posso começar a chorar a pensar nele, no amor por ele, nisto de ele ser assim e ninguém mais saber. E podes-me contar todas as outras histórias que eu não me importo. Eu ouço, conta lá. Não faz mal. Eu conheço essas histórias, não faz mal. Repete lá. Sim, isso, essa é a mais bonita. É esta a mais bonita. Tu só não estás apaixonada por ele porque insistes em dizer que nunca estiveste apaixonada, mas isso é a mesma coisa que me dizeres que estás apaixonada por ele. Eu não me importo ou então eu importo-me muito. Como é que se diz esta palavra? Diz lá. Eu estou muito apaixonado por ti. Peço-te desculpa. Que música é esta? Vai dançar e depois volta. Eu não saio daqui. Se quiseres podes dar-me um beijo diante desta gente toda que eu não me importo. E podes fazer o que quiseres. Sim, tu fazes o que quiseres. E se quiseres que eu pare, diz: pára. Mas eu não vou parar. Esta noite podes fazer comigo tudo o que quiseres. Tudo, tudo. Desculpa, mas eu agora não quero falar. Agora és tu a falar.

Fala comigo. Fala. Não te ponhas assim a olhar para mim. Pareces um miúdo mimado que se não tem logo o que quer faz birra. Faz birra, faz. Eu gosto. Tu gostas. E ele também gosta. Olha que isto não vai voltar a acontecer. Isto? Isto não acontece nunca. Ela só fala assim porque pensa antes de falar. Antes do pânico devemos ficar quietos a pensar. Não faças nada antes de fazer o que quer que seja. Sim, pânico. Olha os teus olhos. Sim, se pudesses havias de ver. Se tu soubesses não era assim. Não eras. Deixavas de existir. Sobrevivemos, está certo, sobrevivemos. Eu não consigo pensar. Olha as minhas mãos, os meus dedos. Eu não consigo pensar. Vais dançar? Que música é esta? Que palavra é esta? Esta. Agora cala-te.

Agora vou repetir tudo do começo. Ouve. Agora sou eu a falar. Depois és tu a falar.

Paula

Se quiseres vê-la podes ter a certeza de a encontrar antes das quatro a dançar em cima de um balcão no Kremlin. Mas o melhor é não ires lá. Há pessoas que se sacrificam ao obscuro e triste deus do amor. O melhor é ires jantar num lugar tranquilo, ocupares-te mentalmente imaginando, erradamente, a vida pobre do empregado que te serve, pagares a conta e partires. Nem te perguntes sequer se vais conseguir. Tu não vais conseguir.

Se quiseres espreita só dentro de ti. Lá está ela a olhar-te e logo a fugir com os olhos de asas a bater. E tu, encantado, a passeares num canto do seu sorriso. Mesmo a tocares-lhe no cabelo desfeito, a agarrares-lhe o crânio. E do resto da memória chegam murmúrios que se guardam sem palavras. Não queiras mais. Mesmo que quisesse o que saberias? Guarda-a dentro de ti ciente de toda a inutilidade que nisso há.

Se quiseres podes telefonar, mas só de vez em vez. Ela não vê a cara que tens e podes controlar melhor a tua voz. Manda-lhe flores, estrelícias e antúrios em particular, mas não mandes mensagens. Deixa de existir. Porque não interessa o que dizes. Interessa só que querias dizer alguma coisa e que essa alguma coisa não tem importância alguma. Não tentes explicar, diz que estás doente, diz que é verdade. Faz de conta que não sabes. Não sejas injusto e sobretudo tem piedade de ti.

Devia ser sempre noite, dizia ela. Não devia ser assim. Quanto muito uma brincadeira de mau gosto. E para me levares terias de me levar para um sítio muito longe. Não olhes assim para mim, dizia. Eu não sei o que é estar apaixonada até ficar apaixonada e quando ficar apaixonada ficarei para sempre apaixonada porque, tal como a palavra deus, a palavra amor traz consigo a palavra sempre, não é? É. É, sim.

Se não puderes, ou quiseres, resistir então vai. Vai de qualquer maneira porque tanto te faz o que fizeres. Fica a olhá-la de longe e a sentir o gelo a derreter-se nos teus dedos. Se te sentes livre é porque perdeste a culpa quando aceitaste que o mais valioso falta sempre. Senteste-te contente de a ver ali, mesmo quando te vêm lágrimas aos olhos. Não fiques muito tempo. O tempo não passa. Está parado. Nós é que passamos por ele. Tem cuidado contigo. Procura ser feliz. Pensa na tua mãe que morreu sem lhe dizeres do teu amor. Fecha os olhos para, quando os abrires, os olhos dela já terem voado para muito longe no abrigo da tua alma.

Vai, de qualquer maneira vai, porque nada se faz.

O menino

Não tinha de ser assim, pensou ele deitado na cama. Há coisas que podem muito bem não acontecer, ou acontecer diferentemente, coisas que só acontecem por acaso. Duas ou três bastam para mudar tudo. Isto foi o que ele pensou deitado na cama com ela a seu lado.

Bastava ter ficado em casa a dormir uma única noite. Não a teria visto, e isso anularia radicalmente a possibilidade de estar com ela ali, passados três anos, deitada a seu lado. Tão simples como isso. Ou quase. Talvez a tivesse conhecido noutra sítio, noutra altura, a cidade é pequena. Talvez. Mas que se tivesse sentido de imediato apaixonado, não. Para uma pessoa se apaixonar são necessárias muitas outras coisas, a maior parte delas ocasionais. Aquele dia era perigoso, e ele sabia-o. A culpa é dele que saiu de casa em vez de levar um livro qualquer para a cama.

Moldar as coisas à sua imaginação era um dos seus piores defeitos, podia confessá-lo, quase sempre com consequências desastrosas. Mas o que é que se podia fazer? A vida olhada com suficiente lucidez é miserável e aborrecida. Temos por isso a obrigação de a alterar, deformar, puxar-lhe pelas orelhas a todo o momento. Isto era como ele procurava justificar-se a todo o custo. As pessoas, todas as pessoas, são os animais mais cansativos que há. Este cansaço extravasa do trabalho, de onde é natural, para qualquer relação até a fazer em fanicos. Quando se começa a tentar corrigir, por exemplo, falando sobre isso, então ainda é pior.

Desde pequeno que o sonho dele era ter sido pianista. Só para não ter de falar. Falar sempre lhe parecera uma grande inutilidade. O que haverá de mais cómico e absurdo do que falar constantemente de coisas que nem sequer nos respondem?

Ela, pelo contrário, queria sempre falar. Aí começaram os problemas. Ela dizia muitas vezes: “Quando é que falamos? Temos mesmo de falar”. Ele procurava escapar de todas as maneiras. As coisas que não se resolvem sem falar, como é que poderão ser resolvidas a falar? Falar não faz senão dilatar o mal-entendido. Lá por ser mais fácil falar do que subir uma escada com uma mala de 100 quilos, isso dar-nos-á o direito de estar sempre a falar? Pelo contrário. As palavras deviam ser racionadas. Ter, por exemplo, quinze por dia para gastar. Isso tornar-nos-ia menos cansativos, mais humanos. Isto era no que ele pensava porque não tinha mais nada em que pensar e não conseguia adormecer.

Mas a culpa era dele. Quando se sentia apaixonado enlouquecia e punha-se a falar sem parar. Foi isso o que aconteceu naquela primeira noite em que devia ter ficado em casa. Basta uma frase. Essa primeira frase tem tantas incorrecções e imprecisões que para a socorrer é preciso ficar horas a falar ininterruptamente. E, é claro, que não se dá a menor importância ao que a outra pessoa diz, quando isso é decisivo. Em geral as pessoas começam pela verdade, mas nessa altura ninguém está interessado na verdade. A verdade é chata.

O problema com as pessoas que vivem juntas está unicamente em viverem juntas, pensou ele deitado de costas sobre a cama depois de ter estado deitado de lado. Duas consciências fechadas num quarto nunca podem dar bom resultado. Não há nada a fazer. A culpa não é tanto das pessoas, a culpa é do quarto. Se não houvesse quartos, nem casas, nem cidades cheias de casas não haveria destes problemas. Num quarto reduzimo-nos rapidamente à nossa animalidade, em especial enquanto dormimos. É insuportável sem a ajuda de medicamentos. Mesmo com medicamentos é difícil.

Incomodava-o, por exemplo, ela adormecer logo e ele ficar ali sozinho sem ficar mesmo sozinho. Tal como agora, em que ele se punha a olhar fixamente o tecto com os olhos muito abertos e não via nada porque não havia nada para ver. Não tinha de ter sido assim. Mesmo o menino que não se esperava que nascesse e nasceu. O menino que ele

adorava e que ele continuava a não querer que fosse dele. Ter o que quer que seja é obrigarmo-nos a uma ocupação da qual não nos podemos desfazer, e as ocupações ocupam o que deveria ficar sempre vazio, livre. Isto era como ele se tentava justificar. Todas as coisas deviam ser, quanto muito, alugadas e mais nada. Um menino não podia ser alugado e isso tinha-o apavorado durante muito tempo. Ter uma coisa da qual uma pessoa não se pode desfazer, oferecer, guardar para mais tarde. A grande aflição que é ter de continuar.

Sim, a aflição que é ter de continuar o que quer que seja e não poder nunca acabar. Ele tinha sempre desejado acabar. Com tudo. Acabar ele próprio. Acabar parecia-lhe a única maneira de deixar de estar ocupado com o que quer que fosse, o verdadeiro descanso. Saber que de qualquer modo se vai acabar, ter essa certeza, é a única consolação que ainda torna a vida suportável. Não saber quando ainda ajuda mais. Qualquer delícia que dure mais de algumas horas mostra o que o inferno de facto é. Isto era

o que ele julgava. Era escusado dizer-lhe isto a ela, se bem que lho tivesse dito mais de uma vez, porque é uma crueldade. As mulheres pensam coisas muito diferentes sobre estas coisas, achava ele, se calhar com razão. Para ele não. E agora, com o menino, da maneira mais estúpida de todas porque meramente biológica, tomava-o o pavor de não ir acabar tão facilmente. Àquelas histórias do sangue e das famílias, que ele abominava desde pequeno como cemitérios do espírito, agora também ele seria obrigado a ceder. E o menino adorado a dormir no seu quatinho enquanto o pai abominável prolongava a sua insónia, pensou ainda.

Não tinha de ser assim. Mas era assim. Obrigado, de qualquer modo obrigado. E só depois adormeceu.

Ele

Não sei como me meti nisto. Mais valia não ter feito nada. Bastava ter continuado. Assim ainda acabo comigo.

Abro as portas de vidro que dão para o jardim, piso a relva e olho o céu. É todo azul. Tenho de novo a mesma certeza: ele é um monstro. Penso nisto até me começar a doer. Volto para dentro.

Ele continua a dormir. O monstro dorme, mas continua intensamente vivo.

Não devia ter deixado o Luís. Confortava-me saber que nunca chegaria a aproximar-se demasiado de mim. Com este é diferente. Espreita-me a todo o momento mesmo sem me ver. Ocupa-me a cabeça. Espera-me nos lugares onde procuro refúgio e assusta-me. Infesta-me. Está sempre a aparecer: no fim de uma frase, a meio de um gesto, de mistura com um cheiro.

Agarro os meus cabelos com os dedos, prendo-os e depois desprendo-os. São as mãos dele. Sinto repulsa e volúpia quando ele agarra. Agarra-me pela boca, larga-me no sexo.

Perco demasiado tempo a pensar em fugir e demasiado tempo a desfazer esses pensamentos. Sobretudo não quero que desconfie de nada. Quero a minha cara livre do medo. Mas tenho a certeza que ele sabe. Devia morrer.

Vou à cozinha, faço um café e queimo-me. Digo uma asneira. Quando ele me agarra diz imensas. Diz que todas as palavras são para ser usadas.

São duas da tarde e continua a dormir. Só chega de manhã. Às vezes já estou acordada. Traz um cheiro esquisito. Às vezes possui-me e depois adormece. Outras vezes só adormece. No princípio ainda esperava por ele.

Seguro num livro e leio uma frase. Pouso o livro no chão. Acendo um cigarro. Apago o cigarro.

Ele dorme lá dentro mas habita dentro de mim como um bicho do qual não me consigo livrar. E a lucidez é só uma lente que a luz atravessa para melhor me queimar. O tempo que passa bate-me em cheio. Sinto-me arrastada.

Sim, adoro-o como a um mal muito antigo que já estava em mim. Já não sei o que digo. Estou a acabar comigo. É uma espécie de doença. É isso, do que eu gosto nele é da doença.

Diz que ainda não é aquele que eu julgo que é. E que por isso é compreensível que me engane. Que também ele gostaria de se enganar.

Paulo

A primeira vez que dormi com ele foi em Valença. A segunda em Vila Nova de Famalicão. Em Ourique disse-me que não. Podia ter dito: “Sabes, eu gosto muito da Rita”, e eu dir-lhe-ia que tudo isso estava muito certo, que estávamos muito cansados, que o melhor era irmos dormir de seguida sem sequer tomar café, que não fazia mal, que aquilo ali era outro planeta qualquer. Mas ele disse: “Sabes, eu tenho a Rita”. Eu não disse nada, senti uma grande raiva crescer dentro de mim, vontade de lhe bater e depois nada disso. Comecei a ficar triste. Disse: “Vou pedir ao rapaz que trata das luzes que cuide de mim”, sem qualquer convicção. Baixou os olhos e não respondeu. Não tomei café.

Os nossos quartos ficavam um em frente ao outro. Pensei em bater à porta dele e depois abri a minha. A cama estava feita e vazia. Não tive coragem de a abrir. Voltei para trás e abri a porta do quarto dele, sem bater. Estava escuro, não se via nada. Mas ele devia estar a ver-me em contraluz. Não sei sequer se disse para eu entrar. Sei que deixei ficar a porta aberta para o corredor e que de repente me senti agarrada. É bom uma pessoa sentir-se agarrada assim no escuro sem ver por quem. Fizemos amor no chão. Mais parecíamos animais. Fiquei com uma marca nas costas. Com a porta aberta. Sou tão descuidada, meu amor.

Menina do circo

I

Pintava os olhos quase colada ao espelho como se procurasse alguma coisa dentro dos olhos, por debaixo das pálpebras, com um lápis de carvão. Primeiro um, depois o outro. E voltava ao primeiro.

De cada vez que abriam a porta uma onde ruído entrava pela sala até a encher. Ele seguia de um lado para o outro como os animais aprisionados, da janela à parede, da parede para a janela. Não valia a pena olhar para a janela; fazia escuro lá fora, não se via nada. Se houvesse uma cadeira talvez se sentasse, mas assim não ia ficar ali, de pé, parado num lugar qualquer. Ficaria com cara de parvo. A meio da sala uma mesa com coisas para comer e algumas garrafas e ele não tinha fome nem sede.

Foi então que ela soltou dois gritos agudos para desprender a voz, para assustar o medo. Também ele o sentia pesando como se fosse ele a ir ter de cantar para aquela multidão de gente impaciente. Ele que nem sabia cantar, nem entre amigos.

“Tudo pronto. Entramos dentro de dez minutos”, disse o guitarrista que tinha acabado de chegar.

Ela pôs-se de pé. Estava vestida como uma menina de circo que anda sobre os elefantes e salta do trapézio no ar. Isso enterneceu-o tanto que se aproximou dela para prender, para a beijar. Mas ela estendeu os braços em frente, afastando-o. É preciso ter cuidado com a maquiagem e os beijos enfraquecem a voz, era o que sempre dizia. O guitarrista pegou na guitarra lacada de vermelho encostada à parede do fundo. “Até já meu menino”. E a porta fechou-se atrás deles.

II

Tinha a cara húmida e os olhos desbotados e o corpo quente com uma botija em lençóis frios. Deitada sobre os joelhos dele, o seu corpo enroscado cabia todo. Quem prestasse atenção, por detrás da cortina de barulho, podia ouvir uma respiração ofegante. Só um prestava atenção, o que a tinha ao colo como se fosse uma criança. Apeteceu-lhe ficar assim, indefinidamente ausente, mas era preciso continuar. Aos poucos as luzes iam-se apagando, enquanto com vagar a pequena multidão se desfazia, refazendo sem trocar o caminho de casa.

Ouviu-se: “É tarde, o carro já chegou, é preciso partir”. Agarrou no frágil embrulho e deitou-o no banco de trás e fechou a porta do carro. Da noite alguém gritou o nome dela quando este se pôs em movimento.

Primeira à direita, terceira à esquerda e depois uma floresta de pinheiros em silêncio durante quilómetros. De vez em quando ele espreitava pelo espelho retrovisor, que tinha ajustado, para a poder ver imóvel, estendida sobre o banco, e voltava depois a olhar em frente para descobrir a estrada vazia, iluminada pela luz muito branca dos faróis. De noite tudo adormece a sua cor, pensou, a não ser porventura a dos sonhos dela que não estava seguro de pretender adivinhar.

Começou a assobiar baixinho, calou-se e chamou pelo nome dela. Não para que ela o ouvisse, só para ouvir o nome dela. Nisto ocorreu-lhe que alguém tinha morrido e que transportava consigo esse cadáver do qual era necessário desfazer-se com urgência. Sentiu medo. E então, inesperadamente, uma mão aflorou-lhe a nuca e ouviu uma voz que dizia: “Meu menino, meu menino”.

Um amigo

Não passava sem duas boas refeições por dia que comia com a voracidade de uma ceifeira-debulhadora. E, no entanto, sempre inexplicavelmente magro. Esta contradição fisiológica revelava à vista a complexidade de uma natureza única.

Tinha uns olhos azuis muito claros, quase cinzentos, os cabelos escuros e finos, um esqueleto frágil. Em diversas ocasiões, desde pequeno, lhe disseram que era muito inteligente. Chegou a acreditar que isso era uma vantagem, mas a maior parte do tempo sentia-se simplesmente miserável. Tinha herdado, ainda jovem, uma fortuna considerável em terras no Alentejo e esperava todos os anos, com dívidas, as novas remessas das rendas que gastava com um zelo inexcedível.

Aos vinte e cinco anos comprara um carro em que nunca andava. Estava lá na rua e apodrecia. Na cidade, entre as cidades ou no largo campo andava de táxi. Costumava alugá-los, por exemplo, por uma manhã inteira. Enquanto estava no barbeiro, o táxi esperava cá fora. De Lisboa a Sevilha, cronicamente atrasado, perdia o comboio, e ia de táxi.

Quando estava sozinho era de uma tristeza inamovível. Em companhia fazia rir os outros com um espírito invejável. O que mais gostava de contar eram as suas aventuras sempre demasiado tristes, que transformava em anedotas, com um prazer inconfessável. Foi mais tarde, tarde demais, que perdeu o humor, e, com ele, o mundo lhe escapou por inteiro.

Mas não antecipemos já o fim inexorável, cuidemos um pouco mais, com breves traços, deste personagem nosso contemporâneo se bem que invisível. Sim, que poucos o viram com a precisão e o cuidado com que eu o olhava, fascinado por aquele ponto de equilíbrio instável entre a glória e a miséria, emblema da humanidade.

Conheci-o à beira do lento rio que corre por Lisboa. Um amigo comum queria por força apresentar-nos. Naquele tempo eu era-me sobejamente suficiente, e a companhia dos outros uma concessão que dispensava. No entanto fui, e comigo o centro móvel do mundo. Passeámos pelo cais onde se encostavam pequenos barcos com nomes de mulheres, os três, ridiculamente conscientes de um momento único. Ouvi-o, com a deferência distante de quem sabe mais, falar de filosofia. Não fiquei impressionado. Achei-o novo, apesar da mesma idade. Naquele tempo eu ainda tinha a idade do mundo. Recusei acompanhá-los a um lugar qualquer de distração e voltei para casa. Dois dias depois parti para o estrangeiro.

O que de violento aconteceu em seguida perturbou o meu ponto de vista de tal modo que nunca mais o tive claro. O comum amigo — o melhor amigo, o único —, numa terça-feira de carnaval, mascarou-se de esqueleto e atirou-se, depois de um cruel telefonema informativo e uma breve carta em que me deixava em testamento o mundo, do terceiro andar onde vivia, para uma rua íngreme onde ninguém o esperava. Por entre a névoa da memória que cobre esse período sei que estive três dias deitado sem conseguir dizer uma frase que fizesse sentido.

Voltámo-nos a encontrar na missa do primeiro mês. A partir daí amparámo-nos durante alguns anos, como dois náufragos, repartindo a mesma casa da Lapa, a dele. Quando casei, com uma jovem judia que ele me apresentou, continuei lá em casa, e foi também lá que ela me deixou, passados breves meses, com um processo de divórcio em que uma das acusações era, vergonhosamente, a de gostar mais do meu amigo do que dela, o que não era totalmente verdade mas não foi possível demonstrar com factos num julgamento turbulento que escandalizou a pequena comunidade de sefarditas e asquenasis. Não quero porém falar de mim, mas dele.

O dia-a-dia do meu amigo era de uma regularidade confrangedora dedicada a não fazer nada. Não acordava antes do meio-dia. Passava-se por água. Incapaz de cozinhar o

quer que fosse — houve uma tentativa em fritar um bife sem frigideira — almoçava fora. Voltava para casa com os jornais que lia deitado. Adormecia. Levantava-se. Andava de um lado para o outro como se estivesse a pensar com muita força. Sentava-se. Voltava ao número anterior e depois saía para jantar copiosamente. Percorria de seguida cinco ou seis bares da cidade, com o táxi à espera cá fora, e depois voltava para casa, ligeiramente ébrio. Lia romances russos até adormecer, com um sobre o peito, muito inclinado.

Omito o mais importante: as nossas conversas. As mais profundas e indecisivas de que não guardo memória exacta, mas sim o espanto e a admiração. De que falávamos, melhor, de que falava ele? Digamos que nunca falava sobre coisas mas sobre maneiras de as olhar. O tema era banal, o ponto de vista excepcional.

De mês a mês escrevia uma frase num caderno de capa preta que tinha comprado em Londres. Era o seu livro, que continha em aforismos a verdade do mundo. Ao fim de dois anos tinha doze páginas que mandou dactilografar e traduzir em quatro línguas. Aqui começou a tragédia.

Mas vou depressa demais, como é meu costume em tudo. Recuemos um pouco para parar sobre um assunto de interesse geral: a sua vida sexual e amorosa.

Nesta se destacam uma tia, duas namoradas e trezentas paixões impossíveis. Passemos sobre a tia e as namoradas e falemos dessas paixões efémeras. Porquê impossíveis? Porque condenadas ainda antes de principiadas. Condenadas por quem? Pelo próprio. Expliquemo-nos:

o meu amigo tinha-se por único e desejava mais do que tudo ser reconhecido. Nesta proposição existe uma óbvia contradição: o único não pode ser reconhecido, nem sequer pode existir. Desde tenra idade, e sem que se possa lembrar a partir de quando ou porquê, o meu amigo acreditava profundamente, talvez fosse mesmo a única coisa em que acreditava, que não podia existir, se bem que, aparentemente, existisse. Este facto tornava-o insuportável para si mesmo e insuportáveis todos os outros que eram levados a acreditar que ele existia contrariamente à sua íntima convicção de não poder existir. Por isso se desiludia tão rapidamente das raparigas como se tinha iludido: ou eram cegas ou parvas; mas, em qualquer dos dois casos, revelava-se um mal-entendido insuperável que a moral obrigava a ser desfeito do modo mais drástico: o do esquecimento.

Ia de paixão em paixão para descobrir que as raparigas eram todas iguais e todas diferentes, numa sucessão infinita e sem sentido, como numa contagem dos grãos de areia de uma praia. Até que um dia se impôs acabar com aquilo. E conseguiu. Não consigo avaliar todas as consequências dessa decisão, mas sei que a partir de então todas as suas esperanças, ou toda a pouca esperança que lhe sobejava, se concentrou no seu livro.

Depois de uma selecção minuciosa e demorada, feita segundo os critérios mais severos, escreveu numa folha de papel cinquenta nomes e moradas de intelectuais contemporâneos — quarenta e dois estrangeiros — que achava preparados para receberem o seu livro, o qual lhes enviou pelo correio da Lapa num dia chuvoso de Outono. Regressou a casa e esperou. Esperou como quem espera numa prisão o dia da libertação sempre adiado: recusando-se a sair, recusando-se a atender o telefone, recusando-se a fazer a barba. Passaram-se semanas e não chegava resposta. Passado um mês e meio; e no mesmo dia, chegaram dois pequenos cartões que agradeciam o envio e desejavam uma boa continuação das investigações. Não emagrecia porque não podia, mas a sua pele mudava de cor pela falta de luz e a barba crescia. A esperança sumia-se.

Soube destes acontecimentos muito depois, porque então eu já partira de novo para o estrangeiro, trabalhando de noite num bar obscuro e escrevendo de dia poemas pouco claros. Tinha-o abandonado. Recusava-me a ser a testemunha final de uma tragédia da qual me sentia em parte também responsável. Agarrei numa rapariga, ou uma rapariga agarrou em mim, para passar os restos de noite, esperando o desfecho de uma

situação que, por covardia, desejava o mais rápido possível. Não lhe escrevia e se lhe telefonei foi porque sabia que não atenderia. Sentia-me ao mesmo tempo sobrevivente e traidor, e comecei a beber com intenção, o que me fazia sentir ainda pior.

A certa altura a rapariga engravidou e tive de a abandonar. A vida não é uma coisa que se deseje a ninguém. Depois as coisas ainda pioraram mais.

Passaram-se dois anos antes de regressar a casa — à dele. Lembro-me que cheguei muito tarde e exausto por uma viagem de muitas horas multiplicadas pela ansiedade. Não atendiam à porta. Resolvi entrar pela janela, depois de saltar facilmente o muro, coisa a que estava habituado. A casa estava tal como a tinha deixado. A cozinha fechada, os livros amontoados a um canto da sala, o mesmo candeeiro com o abat-jour quebrado, as cortinas meio corridas, o telefone com o auscultador fora do lugar. Entrei no quarto dele, defronte ao meu, e cheirei o mofo.

Abri a luz, mas não havia luz. Puxei os estores para que a luz do candeeiro da rua, mesmo em frente, pudesse entrar. Sobre a cama feita estava uma carta em papel azul.

Dizia:

"Caro amigo,

sei que mais tarde ou mais cedo regressarás e encontrarás esta carta. Na tua ausência morri por várias vezes. Cheguei a odiar-te. Pensei de ti o pior. Agora aceito as razões porque partiste e estou em paz.

Como disse um dos nossos mestres preferidos o suicídio não é boa solução, porque já é sempre demasiado tarde. Além disso já tivemos um entre nós e chegou.

Não; o que fiz — ou melhor, vou fazer — é um diferente. Vendi todas as minhas propriedades num só dia — foi fácil, vendi por metade do que me ofereciam para ser logo ali — e parti. Partí para onde nunca mais ninguém me possa reconhecer. Consegui com uma facilidade surpreendente um passaporte estrangeiro com um nome falso, que é agora o meu. Não tive sequer que me despedir de ninguém, o que teria sido certamente triste, porque já não restava ninguém.

Agora ficas tu aqui — passei a casa para teu nome numa venda fictícia — com os nossos livros e os nossos fantasmas.

Procura ser feliz. Eu livre-me simples e definitivamente de mim.

O teu antigo amigo que ainda te abraça,

X

P.S. Quanto ao Livro lê-o de mês a mês todo de seguida. Reservo-te uma surpresa que te irá libertar."

Até hoje não soube dele. E não houve mais surpresas. Aprendi a viver coma vida que temos, uma coisa que está só no passar. Não me pergunto se sou feliz e não resolvi os problemas do Livro, deixei só de os compreender. Amanhã faço 65 anos. Celebro-os sozinho com a memória cada vez mais viva do meu amigo, que tem a mesma idade, como já antes disse, mas para mim continua com a idade que tinha. Só eu envelheci. A vitória dele é a minha aceitação.

A noiva judia

I

Diante do Tejo há alguns carros parados. Faz noite. Num deles está Sara. É a única coisa que importa. Há um constante zumbido de carros a passar por cima da ponte mas ele não ouve nada. Sara olha em frente para um rio que não corre, enorme e escuro. Ele tem medo de olhar para Sara. O que ele sente é o medo. O que sente Sara nem Sara sabe. Não sabem o que lhes acontece, talvez por isso fiquem assim quietos.

A mão dele, de repente e sem ordem, encontra a mão dela e agarra-a. A mão dela é a única coisa que existe. Todo o mundo gira à volta dela. A mão de Sara procura a mão dele e agarra-a. Duas mãos fecham-se nelas próprias à procura uma da outra. O carro, o rio, a ponte onde os carros continuam a passar, a cidade que adormece devagar, são completamente indiferentes, podiam desfazer-se no vazio, ser abandonados pelo criador, que não importava. O que importa são as duas mãos agarradas à procura uma da outra, uma dentro da outra, uma fechada pela outra e depois aberta pela outra, a deixarem de ser mãos, transformando-se em pequenos seres com vida própria.

E depois, de repente e sem ordem, a boca dele à procura da boca de Sara, primeiro no ombro, depois no pescoço, depois, só depois, na cara. A boca dela no ombro, no pescoço, na cara, a mexer-se. O gosto da pele, a resistência dos dentes, a pressão dos lábios, a repelente sedução do músculo da língua. Ele, de olhos muito fechados, a descobrir a boca de Sara, como se nunca tivesse beijado a boca de uma mulher, surpreendido que houvesse alguma coisa como uma boca, coisa inimaginável, impossível.

Dentro de um carro parado junto ao rio, agarrados sem saber onde, sem saber do escuro, deles próprios esquecidos, abandonados, enlouquecidos, muito próximos de um precipício, muito agarrados.

E depois dentro de um quarto, sem ousarem acender qualquer luz, quase no escuro, o corpo de Sara sobre o dele, desacreditando de tudo. E depois a luz do sol que começou a vir muito devagarinho e caridosamente os iluminou e depois os separou, ele à porta de casa de Sara sem dizer uma só palavra, nem sequer de despedida, beijando-lhe com ternura as mãos.

Não, não é preciso que nada se repita, porque nada se repete.

II

Simão recordava:

a viagem mais rápida, de Friburgo a Lisboa, só a pensar em Sara. Sara que tinha dito que sim, que se casaria com ele se ele assim o queria, o desejava. Pelo telefone, a três mil quilómetros de distância, uma semana, uma só semana depois de se terem visto pela primeira vez. Não, não era pouco tempo, pouco era o tempo que restava. Uma pontada de dor só de pensar no tempo imenso em que tinham estado afastados, a injustiça de todas as coisas que tinham feito separados, a crueldade de terem esperado tanto tempo um pelo outro sem saberem um do outro, nem um sinal, nada. Sim, ela tinha dito que sim, primeiro a sorrir e depois comovida. Simão tinha ouvido tudo, todos os silêncios, muito agarrado ao telefone a três mil quilómetros de distância.

A viagem mais rápida. Simão parando só para pôr gasolina no carro, refrescar a cara — era Agosto —, comer qualquer coisa, beber água e mandar um postal a Sara, postais em que lhe dizia o seu amor premente e que ele sabia que iam chegar depois dele, mas isso pouco importava, talvez ele não chegasse, talvez morresse pelo caminho, o carro despistado numa curva à beira do rio que esse, tinha a certeza, ia chegar a Lisboa de qualquer maneira, mesmo que ele não chegasse.

A viagem mais rápida. Sempre acima dos limites de velocidade pelas estradas que Simão parecia saber de cor e fazia agora de olhos fechados, com os olhos a olhar para

Sara. Simão com as janelas todas fechadas, o carro a arder pelas estradas desfeitas pelo sol da Andaluzia e Sara era a única miragem.

Simão que chegou sete horas mais cedo do que previsto e Sara não o esperava. Simão que teve de esperar essas sete horas deitado, sentindo-se endoidecer, desejando morrer, até Sara aparecer do nada à hora prevista. Sara com olhos como pombas, Sara absolutamente irreal, como se nada tivesse acontecido.

III

Simão recordava:

o dia em que ele se casara com Sara, dia de que nunca soube a data exacta, os dias confundidos, um dia de outono como os outros dias, só que era o dia em que ele ia casar com Sara.

Sara à frente dele, andando muito depressa pelas ruas estreitas e cheias de gente àquela hora da manhã no centro da cidade.

Ele procurando seguir Sara, lembrando-lhe como era costume os noivos chegarem atrasados, que se estavam atrasados era muito ou muito pouco tempo. Ela sem mesmo se virar, quase a correr, com o fato azul claro que tinha mandado fazer.

Ele seguindo Sara, sentindo no bolso esquerdo das calças as duas alianças de ouro, cada urna delas com o nome do outro, a dela encaixando perfeitamente dentro da dele, de tal modo que ficavam presas urna à outra. Sara e Simão e o dia do ano em que se casavam.

Ele muito enlevado a olhar para Sara, rápida e ágil como uma gazela, com os cabelos muito negros, com todos os caracóis que ele prometeu a si próprio contar naquela noite, tantos caracóis como os anos desde que havia luz e terra e quem a habitasse.

Ela cheia de pressa, pressa demais, quase empurrando as pessoas que cruzava, ele procurando atrasar-se o mais possível, mas sem perder de vista Sara, desejoso que todos aqueles momentos se estendessem sem passarem. Ela olhando em frente, abrindo o caminho. Ele atrás dela, olhando para ela, sentindo-se feliz. Ela como a fugir, ele como a persegui-la por entre aquelas ruas estreitas e cheias de gente àquela hora no meio da cidade. Gente que não ia nunca saber que aquele era o dia em que Simão se casava com Sara.

IV

Simão recordava:

ele a chegar a casa, assobiando sem saber o que assobiava, com vários livros debaixo de cada braço e alguns caíam já depois de ter conseguido tirar as chaves do bolso, ter tentado duas delas e ter por fim encontrado a que entrava na ranhura da fechadura. Assobiando mais alto para dar sinal a Sara de que estava ali, entrando em casa, deixando a porta aberta, com os livros que ainda tinha debaixo dos braços, à espera de ouvir a voz mais desejada, a voz de Sara, como se tivesse medo de já não se lembrar dela, como se a voz dela nunca tivesse existido, não pudesse existir senão num sonho.

E ele de repente calado, seguindo pelo corredor até ao quarto onde encontrava Sara deitada, talvez adormecida, sem saber o que fazer, se devia acordá-la ou deixá-la dormir ainda. Voltando para trás para ir buscar os livros caídos e fechar a porta sem fazer barulho para depois voltar muito rápido para o quarto, para olhar o corpo de Sara estendido sobre a cama, abandonado, tal como o tinha deixado muito cedo, logo de manhã, antes das horas que passara alegre porque pensava em Sara e pensava que ia voltar para casa e que a casa não estava vazia, que Sara estava lá e que a beijaria.

Ele ganhando coragem para a acordar porque já não era cedo e podia-lhe fazer mal dormir tanto tempo. Ele a tocar-lhe muito ao de leve, a descobri-la, absolutamente feliz que ela estivesse ali, apesar de ela não estar à espera dele, já que continuava imóvel, talvez adormecida.

Sara a começar a acordar, piscando os olhos, começando a mostrar os seus olhos, que eram como pombas. E depois ela sorria e perguntava que horas eram, se já era tarde e ele dizia-lhe que não e ela espantada ao saber que horas eram, puxando-o para cima da cama, ele todo vestido, de gravata, ela nua por debaixo dos lençóis, quente. Ele beijando-a, agradecendo-lhe o ela estar ali, o ela existir. Ela sem dizer nada, com um sorriso nos lábios a pedir-lhe que a beijasse ainda, e ele beijava-a.

Sara de roupão azul escuro a beber o chá que ele tinha preparado, a comer devagar as torradas com manteiga e mel que ele tinha barrado, sentados os dois diante da janela nua por onde entrava toda a luz. Ela a comer muito lentamente os pedaços de pêsego que ele tinha descascado e partido. Os dois a fumarem cada um o seu cigarro e os fumos dos dois a misturarem-se, azuis e cinzentos, sobre a mesa onde estavam os dois, banhados de luz. Ele absolutamente feliz, tão feliz que não lhe importava que esses momentos não durassem, que poderiam acabar de um momento para o outro, porque aqueles bastavam.

V

Simão recordava:

ele e Sara em Nova Iorque, o umbigo do mundo, no dia de Natal. Sara cheia de frio, a queixar-se do frio como se a culpa fosse dele, como se ele tivesse a obrigação de aquecer o ar, nem que fosse só o ar em redor de Sara. Se ele pudesse, ele o faria.

E o caminho de regresso ao hotel parecia não acabar, e não era possível parar para esperar por um autocarro porque Sara podia gelar e não passava táxi algum, quando nos outros dias passavam tantos táxis.

Ele sem saber o que fazer e Sara cada vez mais zangada. Sem saber se era com o vento frio ou com ele que ela estava assim, cada vez mais zangada. Sara com luvas, cada dedo de uma cor, como o arco-íris. Sara de cachecol com todas as cores do arco-íris. Sara com o corpo todo tapado por um sobretudo cinzento claro, maravilhosa Sara. Ele completamente apaixonado por Sara zangada com o vento e com ele por causa do vento e do frio. Porque ela o confundia na sua raiva ou com o ar gelado ou com um pequeno deus que deveria ter poder sobre o vento e o frio, e não tinha.

Por fim o táxi e o alívio dele quando Sara entrou no táxi onde esperou que Sara lhe pedisse desculpa; reconsiderasse já que ele não era o único responsável pelo frio que faz no Natal em Nova Iorque. Mas ela não pediu desculpa, ficou calada até chegarem frente à porta do hotel. E ele então soube que Sara nunca lhe iria pedir desculpa do que quer que fosse e ele sentiu-se assustado com o orgulho dela que lhe pareceu desmedido. Mais do que assustado, sentiu medo e nem sequer teve coragem para o dizer a Sara, esperando estar enganado, desejando mais do que tudo estar enganado.

Ele e Sara aguardando o elevador que nunca mais chegava. Sara sem olhar uma vez para ele. Ele olhando para Sara com os olhos mais tristes, para ela que era tudo para ele.

Sara entrando no quarto à frente dele, dirigindo-se de imediato para o quarto de banho. Ele ouvindo o barulho da água a cair na banheira, sozinho no quarto olhando os prédios enormes como se estivesse emigrado num planeta distante e se sentisse perdido. Ele procurando adivinhar pelos barulhos da água os movimentos de Sara, imaginando o corpo de Sara, o corpo amado, o corpo distante que ele via afastar-se cada vez mais.

Ele à espera de Sara que continuava dentro da banheira e ele sem ousar entrar no quarto de banho, sem ousar fazer nada, pensar o que quer que fosse, ouvindo os carros que via passar lá ao fundo. Ele olhando o céu muito claro no qual se recortavam os prédios que continuavam a não lhe parecer reais, agora recortes de papel num jogo para crianças. Ele que se sentia uma criança, sem saber o que fazer, abandonado numa cidade a que alguém tinha chamado Nova Iorque.

VI

Simão recordava:

Sara diante do espelho penteando os cabelos que eram longos e encaracolados. Diante do espelho grande que ela tinha trazido de casa da mãe, o único que havia em casa, a não ser um muito pequeno que estava pendurado numa parede da casa de banho e que Simão usava para fazer a barba.

O espelho que ela tinha posto no quarto onde dormiam, sobre uma mesa. Sara emoldurada no espelho de caixilho de madeira penteando longamente os cabelos muito escuros. Durante muito tempo, várias vezes ao dia.

Ele por vezes ainda deitado, por vezes no corredor, quando a porta do quarto tinha ficado aberta, por vezes logo ao entrar em casa, quando todas as portas estavam abertas, olhando, espreitando, louvando Sara diante do espelho. Sara e os seus cabelos, e os caracóis, os inúmeros caracóis do seu cabelo.

Ele sentado na borda da cama a olhar para Sara dentro do espelho e a ver-se a si próprio ao lado dela, como num retrato, espantado com a beleza dela, fixada por momentos num quadro vivo, o mais precioso de todos os quadros que ele tinha visto em todos os museus que tinha visitado e revisitado.

Ele muito impressionado com a beleza de Sara, beleza incompreensível, obra de um autor desconhecido, ou da natureza, ou de Deus e que só ele tinha o privilégio de poder contemplar sozinho, sentado na borda da cama, muito quieto, sem dizer uma só palavra, com receio que um gesto ou um som desfizessem para sempre a maravilha que era Sara e os seus cabelos.

Sara levantando-se de repente, dizendo-lhe que já podiam ir, que não era tarde e ele agradecendo-lhe o ela ser tão bela, ao que ela respondia sempre: bela aos teus olhos.

Ele beijando os olhos de Sara, as duas pombas, que ele sentia tremer debaixo dos seus lábios, também eles trementes, todo ele comovido.

Ele agarrando no braço de Sara, levando-a pelo corredor, muito orgulhoso de a ter ao seu lado, quase demasiado orgulho, quase vaidade dela que o seguia pelo corredor com o seu sorriso e lhe dizia que ele era um tonto.

VII

Simão recordava:

ele diante do espelho muito pequeno que estava no quarto de banho, a fazer a barba pela segunda vez, a olhar para o espelho para não olhar para Sara que tinha por fim chegado e estava ao seu lado.

Ele a perguntar-lhe com uma voz assustadoramente calma, uma voz emprestada para esconder a dor terrível que lhe doía no sítio mais sensível da alma, se tinha tudo corrido bem, se o avião tinha chegado sem atraso e ela a dizer-lhe que sim e ele sabendo que o avião nem sequer tinha partido, que o aeroporto estava encerrado por causa do nevoeiro, coisa em que ela nem sequer tinha reparado. Ele a perguntar-lhe de novo como se ela não o tivesse ouvido, apesar de estar ali mesmo ao seu lado, e ela a repetir que sim que não tinha havido problemas nem à chegada nem à partida e que o avião tinha voado em direcção a Roma para depois voltar para casa, para Jerusalém.

Ele continuando a fazer a barba, apesar de não ver nada a não ser uma mancha sem contornos que devia ser a sua cara, a dizer-lhe que não era possível, que o aeroporto estava encerrado por causa do nevoeiro, com a mesma voz aparentemente calma, a tal voz emprestada. E depois o silêncio dela que durou muito tempo até por fim dizer que de facto não tinha ido trabalhar, que o Raul a tinha substituído, que ela se tinha sentido incapaz de trabalhar, que tinha ido para a cidade e se tinha metido num cinema para passar o tempo e não pensar nas dores de cabeça. Ele a perguntar-lhe que filme vira e ela a responder que tinha ido ver o mesmo que tinham visto os dois juntos na semana passada. Ele a saber que ela lhe estava a mentir, a ele que a adorava, sem conseguir perceber, com a dor a doer cada vez mais fundo no sítio mais sensível da alma.

Ela saindo do quarto de banho, deixando-o só diante do espelho onde ele não via senão uma mancha disforme que devia ser a sua cara coberta de lágrimas, esforçando-se por acreditar na mentira dela, sem conseguir, com a alma cortada e a cara a sangrar.

VIII

Simão recordava:

ele com sete dioptrias em cada um dos olhos, sem óculos, que tinha estupidamente partido de manhã ao limpá-los, e ela a dizer que tinha de sair, que tinha de ir ver o Fernando, porque ele devia estar triste e precisava de a ver. Ele a dizer-lhe que ela não o podia deixar assim, meio cego durante a noite, que também ele precisava dela, mais do que ninguém, que ela não podia partir assim.

Ela sentada na borda da cama onde ele estava deitado com os olhos fechados, a cabeça a doer, e ela a dizer que era muito difícil o sentir-se amada por dois homens e ele viu que devia ser um deles o que o fez rir. Ela então furiosa com uma voz que ele teve dificuldade em reconhecer como a dela, uma voz pavorosa, a dizer que então ela faria o que ele quisesse, que se ele quisesse ela ficava ali a olhá-lo deitado, mesmo a sorrir se ele assim o quisesse, que se ele quisesse ela ia fazer o jantar e ele que escolhesse o jantar, se ele quisesse, porque ela só, existia para o servir, e que ele era o dono dela e que se ele quisesse que ela chorasse ela choraria o exacto número de lágrimas que ele ordenasse. Ela a dizer tudo isto.

Ela a levantar-se e a começar a arranjar-se diante do espelho para sair, apesar de tudo o que ele tinha dito e de tudo o que ela tinha dito. E então ele saltou da cama e agarrou-a nos braços com uma raiva que desconhecia. Ela a dizer-lhe que a largasse, que ele lhe estava a bater, que ia sair porque tinha medo dele, que ele lhe ia bater mais, que agora é que ia mesmo sair.

Ele de braços caídos, olhando para a névoa do chão, certo do prazer com que ela o via sofrer assim, estranho prazer, com que ela o ia deixar ali de pé sem os óculos, partidos. Ela não queria saber, ela que estava certa que dois homens a amavam, enquanto um deles molhava o chão de lágrimas. Ela era livre de fazer o que quisesse.